FORA E ALÉM DOS MUROS

Conhecimento é poder, antiga máxima que permanece muito atual. A qualidade do ser e do estar no mundo cada vez mais depende do conhecimento, fundamental para que o sujeito pondere circunstâncias e faça escolhas: onde morar, o que comer, como cuidar da saúde, como educar filhos, aonde ir nas férias, como administrar recursos, como escolher (e monitorar) governantes em uma democracia representativa... As mais primordiais das escolhas são aquelas que atestam os seus direitos – e igualmente os direitos dos demais sujeitos – de acesso à habitação e à alimentação saudável, à saúde, à educação, à cultura, ao lazer, ao emprego, à renda e à participação política.

A qualidade do ser e do estar no mundo depende do conhecimento por meio do qual se formam cidadãos ativos, plenos de seus direitos e deveres. Decorre que o conhecimento por si só não é poder; é poder em potencial, em estado latente. Poder de verdade é o conhecimento apropriado socialmente, aquele que circula, que é ensinado, aprendido, reelaborado, processado e, finalmente, aplicado a favor da cidadania.

Nós, que trabalhamos em instituições acadêmicas – universitárias ou não –, sabemos o quanto de conhecimento é nelas produzido. Reconhecemos os esforços de nossos colegas pesquisadores em todas as áreas, que, conforme divulgado pela Agência Brasil, colocam o Brasil em 14º lugar como produtor mundial de pesquisas (ainda que boa parte desse conhecimento não seja plenamente realizada, dado que o país ocupa o 79º lugar em relação ao Índice de Desenvolvimento Humano, o IDH).

Nós, que atuamos no campo da informação e comunicação em instituições acadêmicas, temos, pois, um grande desafio: converter conhecimento latente em apropriado socialmente. É nosso compromisso fazer com que o conhecimento não só ultrapasse os muros da academia, mas que, pelos sujeitos, ele seja transformador e transformado extramuros. Afinal, é somente por apropriação e uso que o conhecimento se converte verdadeiramente em poder – compartilhado, não concentrado.

Segundo dados de 2010 do CNPq/MCTI, os cientistas brasileiros publicaram em torno de 140 mil artigos completos em periódicos especializados de circulação nacional e internacional, mais que o dobro em relação a 2000. Interessante observar que, nos censos do CNPq, a categoria “outras publicações bibliográficas”, que inclui textos de divulgação em jornais e revistas, teve um aumento proporcionalmente maior: passou de cerca de 30 mil para mais de 92 mil, ou seja, triplicou entre os anos 2000 e 2010.

Isso poderia ser considerado como indício de um movimento de apropriação social do conhecimento? Para nós, profissionais de editoras universitárias, fica a questão: qual seria o papel do livro acadêmico nesse movimento? Se olharmos os indicadores quantitativos do CNPq/MCTI, a produção científica em livros e, principalmente, capítulos de livros também cresceu: os livros, de 4 mil para quase 7 mil; os capítulos de livros, de 16 mil para mais de 38 mil.

Convém lembrar, esses números não nos informam com precisão os caminhos percorridos pelo conhecimento veiculado. As perguntas são muitas... Nossos livros são lidos? Lidos dentro e fora dos muros da academia? Lidos e apropriados? Lidos a ponto de despertar o gosto e o prazer pela leitura? Lidos a ponto de estimular a formação de novos autores-leitores e vice-versa? Lidos a ponto de convencer que o futuro do livro corre o saudável risco de jamais deixar de ser o livro?

Caro leitor, esta edição foi carinhosa e cuidadosamente preparada como um convite. Desejamos a você boas apropriações. E, portanto, uma ótima leitura!

João Canossa - Presidente da ABEU - 2013/2015 (Editor Executivo - Ed. Fiocruz)
Fernanda Marques - Assessora de Comunicação (Ed. Fiocruz)

registros verbo.

Novas associadas - De 2013 para cá, ingressaram as editoras das seguintes instituições, por região: Sul – Universidade Tecnológica Federal do Paraná (EdUTFPR), Centro Universitário Filadélfia de Curitiba (UNIFIL), Universidade de Alto Vale do Rio do Peixe (EdiUNIARP); Sudeste - Biblioteca do Exército (BIBLIEX), Universidade de Campinas (UNICAMP), Universidade dos Estado de Minas Gerais (EdUEMG); Centro-Oeste –Universidade Estadual de Goiás (UEG); Nordeste –Universidade Estadual de Alagoas (EDUNEAL), Universidade Tiradentes(EDUNIT), Universidade Federal Rural de Pernambuco(EDUFRPE); Norte –Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Vale Cultura - De janeiro a junho de 2014, as estatísticas oficiais do Ministério da Cultura indicam: 88,01% dos R$ 13,65 milhões consumidos no período pelos portadores dos 215.249 cartões emitidos referem-se à compra de livros, jornais e revistas. Depois, pela ordem, aparecem o cinema (9,26%), instrumentos musicais e acessórios (1,32%), CDs e DVDs (0,66%) e artes cênicas, espetáculos e demais atividades culturais (0,75%).

Argentina/ Brasil – Entre os dias 9 e 10 de junho de 2014, a ABEU, representada por seu diretor financeiro, Jerônimo Braga(EdPUCRS), participou de reunião com a Rede da Editoras Universitárias da Argentina (REUN). Na pauta, a proposta de um programa de cooperação entre as duas instituições e suas associadas.

Mercado editorial - Foi divulgada em 22 de julho de 2014, a Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo (FIPE/USP), encomendada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato dos Editores de Livros (SNEL). Foram ouvidas 217 editoras, de 535 cadastradas. Em 2013, as editoras venderam 279,66 milhões de livros, representando um aumento de 4,13% em relação aos 268,56 milhões de exemplares de 2012. Na área de vendas de exemplares ao governo, o crescimento registrado foi de 20,41%. A venda de e-books aumentou 225,13 % de 2012 para 2013.

Copa e livros - De acordo com a FIPE, em 1990 (Copa da Itália) o Brasil produziu 239,3 milhões de livros e 22,4 mil títulos. Em 1994, Copa dos Estados Unidos, foram 246 milhões de exemplares e 38,2 mil títulos. Em 2014, até o início da Copa no Brasil, os números giraram em torno de 450 milhões de exemplares e de 60 mil títulos anuais.

Sem susto - Ao contrário do que se tem apregoado, o livro digital não é uma ameaça ao setor editorial, mas um dos seus atuais fatores propulsores. Essa é uma das conclusões da pesquisa “Crescimento da indústria editorial de livros do Brasil e seus desafios”, apresentada no dia 21 de maio de 2014, na sede do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, no Rio de Janeiro.A Associação Brasileira das Editoras universitárias (ABEU), representada pelo presidente João Canossa (Ed. Fiocruz) esteve presente ao evento que movimentou editoras, representantes do Ministério da Cultura e de outros setores governamentais e do mercado do livro, deputados federais, entre eles, Fátima Bezerra.

Jabuti - Cinco editoras filiadas à ABEU foram premiadas na 55ª Edição do Prêmio Jabuti. A Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA) ficou em primeiro lugar na categoria Juvenil com o livro *Namíbia, não*!. A Editora Livraria da Física e Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB), com *Becquerel*

verbo-ago-2014.indd 2 07/08/2014 11:54:28

fonte: freeimages.com

e a descoberta da radioatividade: uma análise crítica ficou em terceiro lugar na categoria Ciências Exatas, Tecnologia e Informática. A obra *A notícia como fábula: realidade e ficção se confundem na mídia* da Editora Mackenzie e Summus Editorial ficou em terceiro lugar na área de Comunicação. A Editora da Universidade Federal de São Carlos (EdUFSCar), com o livro *Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível,* alcançou o segundo lugar na categoria Educação. Na categoria Psicologia e Psicanálise, a Editora Universidade Federal do Paraná (UFPR) ficou em segundo lugar com *Psiquismo e vida: sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche*. Outros sete títulos de editoras associadas ficaram entre os finalistas.

Parabéns - A editora universitária da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Purcs, completou 25 anos em novembro de 2013.

Sucesso - Durante a 16° edição da Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, o estande coletivo da Associação Brasileira das Editoras Universitárias, que contou com a presença de 47 associadas, comercializou cerca de 3.600 livros.

Qualis - O presidente da ABEU, João Canossa, participou de mesa redonda no Encontro Produção e Difusão Cientifica e debateu sobre o tema "Editoras Universitárias e os desafios para o Qualis livro", de 28 a 30 de maio de 2014, na Universidade Tiradentes (Unit), em Aracaju - Sergipe.

Na estrada I - Confirmada a participação da ABEU nas Feiras do Livro de Frankfurt e Guadalajara deste ano. Para a primeira está sendo organizado um estande coletivo de 16m2 autorais. Para a segunda, a ABEU já recebeu a promessa do Itamaraty em ajudar as editoras universitárias brasileiras a estarem presentes ao evento, que é um dos maiores das Américas.

Na estrada II - Dia 2 de julho, a ABEU promoveu o workshop referente à Feira de Frankfurt, conforme aprovado na assembléia geral de maio, ministrado por Cristiana Negrão. "Foi um momento rico de aprendizado e de partilha", comentou o presidente João Canossa. Estiveram presentes representantes da EdUERJ, UNESP, SciELO Livros, Vervi, Editora Diário Oficial de Sergipe, na sede da associação, em São Paulo.

Visibilidade - Com o principal objetivo de ampliar a sua visibilidade e passar ao mercado o objetivo das editoras universitárias na difusão do conhecimento, a ABEU – Associação Brasileira das Editoras Universitárias contratou os serviços da Vervi Assessoria de Comunicação, empresa que há mais de 30 anos desenvolve projetos na área de comunicação corporativa.

Serviço - Desde março de 2014, a ABEU está emitindo oficialmente a ficha catalográfica, que tem por objetivo facilitar a identificação da obra e sua indexação em bancos de dados. O objetivo é atender às necessidades daquelas editoras associadas ou não que não contam com um profissional especializado dentro de suas instituições. Para obter mais informações sobre o serviço e a forma de solicitá-lo, acesse http://www.abeu.org.br/servicos/ficha-catalografica/1-4-7/conteudo.aspx

No Youtube - O trabalho do agente literário foi tema de uma edição do Ciência & Letras, produzido pelo Canal Saúde com o apoio da Editora Fiocruz. Com apresentação de Renato Farias, as profissionais Lucia Riff e Valéria Martins falaram do trabalho que realizam. Na internet, acesse: http://www.canal.fiocruz.br/video/index.php?v=Agentes-Literarios-CEL-0238 .

O seminário "O Futuro do Livro é o Livro", realizado em novembro do ano passado, na Academia Brasileira de Letras (ABL), está disponível na Internet. Entre os vídeos, estão as conferências de Renato Lessa, presidente da Biblioteca Nacional, e do convidado internacional John Thompson, professor de Cambridge e autor do livro *Mercadores de Cultura* (Editora Unesp). Acesse https://www.youtube.com/playlist?list=PL549E97D59A6F23DB.

verbo-ago-2014.indd 3 07/08/2014 11:54:45

Encontro de Campina Grande discute a apropriação social do conhecimento

Foto: Elisabete Kowata

Maria José de Lima, Cidoval Morais, Etham Barbosa e João Canossa

A palestra "Livro, leitura e apropriação do conhecimento", ministrada pela professora Tânia Mariza Kuchenbecker Rösing, da Universidade de Passo Fundo (UPF), marcou a noite de abertura e deu o tom quente que caracterizou a XXVII Reunião Anual da Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) na noite de 7 de maio, no Auditório do SESC Centro, em Campina Grande, tendo como anfitriã a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), por meio da Editora Universitária (EDUEPB).

A solenidade de abertura contou com a presença do presidente da ABEU, o jornalista João Canossa; do vice-reitor da UEPB, Etham Barbosa; do diretor da EDUEPB, Cidoval Morais; e da pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da UEPB, Maria José Lima; além de demais docentes da UEPB e de diversas instituições de ensino da Paraíba e outros estados, autores, pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, profissionais do livro e representantes das associadas.

Em sua saudação, o professor Cidoval Morais frisou que o evento não tem a intenção, apenas, de captar boas obras, mas difundir conhecimento e a cultura da importância da leitura. "Nosso desafio é secular: formar leitores, fazer com que nossos produtos impactem na vida das pessoas pelo seu uso, pela sua apropriação", disse.

Por sua vez, João Canossa ressaltou a relevância dos debates a serem realizados até o final do evento e destacou que fomentar a leitura e garantir espaço para a produção editorial universitária é uma missão que requer empenho e trabalho árduo, características que a UEPB tem demonstrado, com o fortalecimento da política editorial na Instituição.

O vice-reitor Etham Barbosa lembrou que o Brasil possui um grande número de não leitores e a agenda do evento é pertinente justamente por buscar alternativas para a aproximar cada vez mais as pessoas do livro. Ele também destacou a

verbo-ago-2014.indd 4 07/08/2014 11:54:49

atuação da UEPB no sentido de valorização da cultura do livro.

"A Universidade Estadual tem atuado para mudar a realidade da não leitura. Mesmo com todas as dificuldades atualmente enfrentadas, passamos, nos últimos cinco anos, de uma produção de cinco livros por ano para uma produção de 50 livros a cada ano; entramos na base Scielo; estabelecemos uma política arrojada de divulgação interna; ganhamos dois prêmios Jabuti; criamos o Selo Latus para publicação de obras não científicas. Todas essas ações mostram o compromisso da UEPB com a transformação social que o país tanto necessita, através da socialização do conhecimento", afirmou.

Palestra - Em sua explanação, a docente Tânia Mariza foi contundente ao enfatizar que fazer cultura no Brasil é uma missão de grande dificuldade, tendo em vista que o apoio e o suporte para o desenvolvimento de ações na área, por parte dos governos e instituições, são quase inexistentes. Segundo ela, por esta razão, a cultura da leitura é nula no País e, principalmente, a leitura universitária é desvalorizada. Dona de discurso afiado e grande capacidade de lidar com o público, ela provocou a plateia diversas vezes à reflexão sobre a apropriação social do conhecimento, tema central da Reunião Anual.

Tânia Mariza frisou que, na tentativa de atrair os leitores, a produção editorial muda seu patamar de excelência, transformando o livro científico praticamente em um manual didático de determinadas áreas, para poder atingir os alunos e fazer uma coleta de possíveis leitores de livros. Segundo ela, para evitar a evolução deste problema, é preciso desenvolver a cultura editorial universitária, de modo corporativo e ético, colocando soluções e produtos adequados e contribuindo para as políticas de livro do país.

Para a docente, a reunião da ABEU se reveste de grande importância por estimular e promover a cultura e socialização do conhecimento através do livro universitário, tendo como produto principal o livro técnico-científico e pedagógico. "O compromisso das universidades deve ser com a transformação, de mentes, de vida, de sociedade. E esta transformação passa, principalmente, pela socialização do conhecimento, por meio de uma cultura do livro universitário", disse.

A noite de abertura foi pontuada ainda por atrações culturais de teatro, canto e dança folclórica. O grupo Palavra, que reúne estudantes da universidade anfitriã, abriu o evento no SESC apresentando uma vigorosa e bem articulada releitura cênica da poesia de Florbela Espanca. A seleção temática exemplificou os diversos modos pelos quais se processa a apropriação do conhecimento humano. E o grupo de danças regionais Acauã da Serra deu o tem de encerramento, antecipando um pouco o clima de quadrilhas juninas que faz a fama de Campina Grande. Para acompanhar, um coquetel bem típico com doces da região.

Foto: Elisabete Kowata

Grupo de danças folclóricas animou o evento de abertura

verbo-ago-2014.indd 5 07/08/2014 11:54:52

Mesa 1

Livro universitário e apropriação social do conhecimento: Limites e esperanças (pesquisa, reflexão sobre os impactos sociais do livro universitário)

Um raio-x sobre a produção nacional do livro pelas editoras universitárias. Esse foi o mote da mesa de abertura dos trabalhos da Reunião Anual, coordenada pelo anfitrião do evento, Cidoval Morais de Sousa, da Universidade Estadual de Campina Grande. E para garantir essa macro visão crítica, participação os cinco diretores regionais da ABEU: Região Norte - Antônio Gilson Gomes Mesquita, da Federal do Acre; Região Nordeste – Maria José de Matos Luna, da Federal de Pernambuco; Região Sudeste – Helena Bonito Couto, do Mackenzie; Região Centro-Oeste – Selma Lúcia Lira Beltrão, da Embrapa; e, Região Sul – Dirceu Luiz Hermes, da Unochapecó.

"Editar é mais do que organizar conteúdos", declarou Cidoval, abrindo o painel. Segundo explanou, o processo é amplo e envolve decisões complexas envolvendo o autor e o interesse público. Nesse olhar, enfatizou, pode-se entender que a editora não é um apêndice da instituição de ensino, mas parte integrante da mesma, pois a apropriação do conhecimento exige engajamento e o enfrentamento do déficit cognitivo entre especialistas e leigos, que significa atenção à questão de se levar o livro ao leitor.

Destacando a trajetória da Editora Argos, da Unochapecó, Dirceu aproveitou para explicitar a necessidade de rever-se a "linguagem da academia", comentando existir comumente uma distância entre a produção editorial e a graduação. Enfatizou, com base na experiência de sua instituição, que a acolhida de temas regionais em publicações orientadas à sala de aula possibilita a apropriação do conhecimento. Lembrou, no entanto, existir sempre uma pressão pela sustentabilidade de projetos dessa natureza.

Responsável pela Editora da Federal do Acre, Gilson relatou que alguns problemas são comuns, variando de medida: o desconhecimento pelos alunos da existência da editora; a necessidade de treinamento para a equipe; a melhor qualificação dos revisores para compreensão da obra científica; e, o convencimento aos autores de teses para que saibam converter suas pesquisas em livros acessíveis.

Selma, da Embrapa e diretora da região Centro-Oeste, destacou o empenho de sua instituição em contribuir com a apropriação social do conhecimento, envolvendo para isso os agentes sociais das áreas onde atua. Enfatizou ser muito necessário garantir-se a existência de meios de acesso ao conhecimento.

A palestra da professora Tânia Rösing, ministrada na sessão de abertura da Reunião anual, serviu de inspiração para a representante da Região Nordeste, Maria José, iniciar seu relato. Chamou a atenção para dois pontos sobre os hábitos de leitura: primeiro, que os alunos dos centros de excelência costumam ser leitores por conta e gosto e, em segundo lugar, que a sociedade é prossumidora, não tem o tempo necessário para dedicar-se a essa atividade cultural.

A diretora da Região Sudeste, Helena, enfatizou a diversidade existente entre as editoras de sua área (especificamente, entre públicas e privadas), o que contribui para a heterogeneidade, salientando que os encontros são "oportunidades de aprendizagem pelas diferenças". Lembrando que o livro é um produto "mediado para uma sociedade melhor", afirmou que as editoras devem ter clareza do público pretendido.

As abordagens possibilitaram manifestações de diversos participantes do evento, enfatizando-se de modo geral a necessidade de uma maior compreensão do que venha a ser o mercado do livro.

Mesa 2

Direito Autoral e propriedade intelectual no contexto da apropriação social do conhecimento

O tema foi desenvolvido pelos palestrantes Maria Cristina Comunian Ferraz, da Federal de São Carlos, e Wellington José de Oliveira Pereira, da Federal da Paraíba, tendo o coordenador da editora da PUC do Rio Grande do SUL, Jerônimo Braga atuado como mediador.

Maria Cristina indagou, ao iniciar sua apresentação, "quem é o leitor", chamando a atenção aos obstáculos existentes à formação do indivíduo. O primeiro é a escola que cassou a autoridade do leitor-produtor de textos. Segundo ela, a prática pedagógica repetitiva e reprodutora reduz a autoestima do sujeito-leitor-produtor.

O segundo obstáculo remete à relação "dominadores e dominados", referindo-se ao fato de existirem poucos livros no Brasil escrito pelos próprios indígenas. Isso, no seu entender, limita o processo

verbo-ago-2014.indd 6 07/08/2014 11:54:52

de apropriação do conhecimento por não considerar a questão das diferenças de culturas. A limitação financeira é o terceiro obstáculo a ser superado, sugerindo que as editoras universitárias possam atuar no campo da extensão o que possibilitaria o enfrentamento desse problema.

O professor Wellington organizou sua reflexão a partir do que chamou de inquietações acerca do livro e das relações entre o autor e as editoras, além de certa morosidade na mobilidade do conhecimento que é prejudicial à apropriação do mesmo. Enfatizou que as editoras universitárias devem garantir a circulação do conhecimento, evitando a burocratização do processo editorial.

Jerônimo concluiu os trabalhos sintetizando que "o livro, como analisado aqui, é um projeto de extensão muito além dos públicos internos da universidade".

Mesa 3

Promoção da leitura e apropriação social do conhecimento

Com mediação da professora Flávia Rosa, da Federal da Bahia e diretora secretária da ABEU, os palestrantes Karina Klinke, da Federal de Minas Gerais, e Érico Braga, da Cátedra Unesco, discorreram sobre o papel da leitura no processo de apropriação do conhecimento.

O que as crianças, jovens e adultos leem depende do que o mercado editorial produz e da chamada escolarização da leitura. A afirmação é a base do questionamento que a professora Karina desenvolve em suas pesquisas sobre história da leitura na educação no Brasil e que norteou sua apresentação nessa mesa.

Explicou que as pesquisas de modo geral concentram-se na leitura e no livro no espaço escolar, mas que quase não há estudos sobre a leitura praticada fora desse ambiente. E considera ainda que a leitura escolarizada deixa de lado a chamada leitura literária, gênero considerado secundário tanto na educação básica, quanto no ensino superior, exceto no curso de Letras.

E destacou a necessidade de muita investigação ainda para que se possa conhecer o leitor brasileiro. O professor Érico, por sua vez, pontuou sua fala com o relato de experiências de apropriação do conhecimento com estudantes na medida em que estes também se percebem autores. O ser leitor, desse modo, não ficaria restrito aos livros formais e à literatura clássica, mas abrangeria outras formas de manifestação.

Mesa 4

Políticas para o livro universitário

Presidente da Fundação Editora Unesp, José Castilho Marques Neto desenvolveu suas observações acerca do tema destacando uma questão central: a produção cultural é viável numa sociedade do espetáculo? Destacando o escritor Vargas Llosa, argumentou que "para quem trabalha com a geração de conhecimento e a disseminação desta informação, como é o caso da editora universitária, editar num mundo dominado pela lógica do espetáculo é uma espécie de remar contra a corrente: se avança, mas o esforço é enorme, permanente e muitas vezes encarado como inútil dada a avassaladora força contrária que parece a todos 'natural'".

Apresentando dados do mercado do livro, afirmou que é possível sobreviver nesse contexto entendendo-se a necessidade de se ter mais leitores e lembrando a especificidade de cada livro, o que os torna únicos. Desse modo, argumentou que os novos e velhos desafios do setor comportam a mesma fórmula de êxito editorial.

Destacou conceitos que considera essenciais ao ato de editar livros: pensar no leitor; projetar todas as etapas da edição; não deve ter preconceitos em experimentar o novo; entender as peculiaridades do ofício e do objeto que está produzindo e comercializando; administrar um negócio que necessita de recursos básicos, como investimento constante, inovação e dinâmicas de gerenciamento adequadas às mudanças, estrutura compatível com o que se pretende no projeto editorial, plano de negócios em todas as atividades editoriais. Editar na universidade, frisou o professor, "é cumprir um projeto que a universidade quer e necessita para sua casa publicadora".

"Se examinarmos a história do livro e da edição acadêmica, seguramente encontraremos nela de maneira especial a tensão permanente que marca também a vida das editoras de modo geral: a frágil fronteira entre preservar e divulgar a informação e o conhecimento versus o confronto com a realidade do mundo do comércio e da distribuição, demasiadamente marcados por regras e valores inversamente proporcionais àquelas que geraram o conhecimento", assegurou.

Há uma intensa busca da sociedade que se transforma, da universidade e do complexo setor editorial em se adaptarem ao que o filósofo francês Roger Chartier chamou de a "administração

verbo-ago-2014.indd 7 07/08/2014 11:54:52

da abundância" – enorme produção e imensas possibilidades de difusão, destacou. "A confusão é enorme, as conclusões ainda estão em aberto. Tão importante quanto uma boa ideia é o projeto que a viabiliza em função de objetivos permanentes. E um projeto só é importante quando é durável e forte o suficiente para superar os golpes da história".

GRUPOS TEMÁTICOS

A iniciativa de aproveitar-se o momento de encontro proporcionado pela Reunião Anual para o compartilhamento de experiências realizadas pelas associadas, promovida pioneiramente no evento de Curitiba, em 2013, foi ampliada em Campina Grande. Deste modo, foram apresentados doze trabalhos nas áreas de gestão, processos e políticas editoriais, divididos em dois Grupos de Trabalho(GT).

O GT Experiências de Gestão e Processos Editoriais, coordenado pelo diretor de Comunicação da ABEU, Marcelo Di Renzo (Ed. Leopoldianum, Universidade Católica de Santos), proporcionou a apresentação dos seguintes projetos:

1. Sustentabilidade Financeira em Pauta, por Osvaldo Truzzi, da Editora da Federal de São Carlos;
2. Editora da UFPB: Por uma sistematização da produção, por Alexandre Câmara e Emmanuel Luna, da Federal da Paraíba;
3. Por um novo posicionamento estratégico: o Caso da EDITUS, por Rita V.Argollo, Taís Borba e Alencar Júnior, da Editora da Universidade Estadual de Santa Catarina;
4. O PKP e a produção acadêmica da UFPB, por Alexandre Câmara e Emmanuel Luna, da Federal da Paraíba;
5. Uma nova identidade visual para a Editora UFPB, por Hossein Albert e Rildo Coelho, da Federal da Paraíba.

Sob a coordenação da diretora de Difusão da ABEU, Maria Cândida Del-Masso (Ed. da Unesp) o GT Políticas Editoriais possibilitou a discussão de sete experiências bem sucedidas:

1. Parceria entre a EDUFES e o Repositório Institucional da Universidade, por Washington R. dos Santos e Fernanda S. Falcão, da Federal do Espírito Santo;
2. Política Editorial da UFG na formação do perfil cultural em Goiás, por Margareth de L. Oliveira Nunes e Wolney Unes, da Federal de Goiás;
3. 500 Perguntas, 500 Respostas em E-Book: Você Pergunta, a Embrapa Responde, por Alexandre Abrantes C. de Mello, Leandro Souza Fazio e Wyviane Carlos Lima Vidal, da Embrapa;
4. Projeto Meu Livro: Publicando Teses e Dissertações, por Heloísa Rubiano de Macedo, da Federal do Rio Grande do Norte;
5. A produção de Livros Didático-Acadêmicos, por Rosane de Mello Santo Nicola, da Editora Champagnat (PUCPR);
6. Livraria Virtual: Desafios e Riscos da Implantação, por Cristiane Moraes e Willian Saragoça, da Editora Unesp;
7. Case Bienal Internacional do Livro de Alagoas, por Maria Stella Torres Barros Lameira, Fernanda Lins de Lima, Fátima Caroline Pereira de Almeida, da Editora da Federal de Alagoas.

CASES INTERNACIONAIS

A Reunião abriu espaço para a apresentação de dois projetos destacados no mercado editorial e de interesse das editoras universitárias: a Feira de Frankfurt e o Scielo Livros. Ambos possibilitam a maior visibilidade ao trabalho realizado nas universidades, abrindo novas alternativas à comercialização da produção e contribuindo para o processo de internacionalização das instituições de ensino.

Representante da Feira de Frankfurt para a América do Sul e Brasil, Ricardo Costa explicou que o evento alemão, considerado o mais importante encontro mundial do setor livreiro, é focado na realização de negócios, como a comercialização de direitos autorais, e não na venda a varejo. E estimulou a participação das editoras universitárias oferecendo um pacote especialmente projetado para elas este ano. O objetivo é possibilitar um conhecimento maior do mercado , a troca de experiências e discutir o momento digital do livro.

Amanda Ramalho apresentou o projeto SciELO Livros desenvolvido no âmbito do Programa SciELO da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de As/ao Paulo(FAPESP) em parceria com a ABEU. O projeto foi lançado em 2012. Trata-se da conversão e comercialização de livros no suporte digital, visando a: contribuir para o aperfeiçoamento da publicação online; para ampliar a visibilidade e disponibilidade dos títulos das editoras participantes; para possibilitar mensurar o desempenho segundo acesso, downloads e citações recebidas

Para integrar o projeto, as editoras devem ter um mínimo de dez títulos aprovados pelo conselho consultivo da empresa.

ABEU TÉCNICO

Este ano, a programação do ABEU Técnico desenvolveu os seguintes minicursos, abertos a estudantes e profissionais do setor ediorial: "Assessoria de Comunicação para Bens Científicos e Culturais", "Design e Projeto Gráfico para o livro", "Tratamento de Texto em Livros Universitários" e "Difusão e Distribuição do Livro: caminhos possíveis".

verbo-ago-2014.indd 8 07/08/2014 11:54:52

À Comissão de Educação, Cultura e Esportes do Senado Federal

A ABEU (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS), em sua reunião anual ocorrida em Campina Grande/PB, entre os dias 07 e 09 deste ano, recebeu com surpresa a notícia de que no ano passado a Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal criou o Grupo de Trabalho Técnico (GTT), com a finalidade de rediscutir a "ortografia" de nossa língua, visando a sua simplificação e seu aperfeiçoamento. Isso no contexto presente, em que estamos agora muito pouco distantes da implantação definitiva do Acordo Ortográfico (AO), vigorando no Brasil desde 2009.

Vale lembrar que o AO foi ratificado por todos os países de língua oficial portuguesa e está em avançado processo de implantação em Portugal. Além do que, a partir do AO, pela primeira vez na história de muitos países de língua portuguesa está sendo possível a elaboração de Vocabulários Ortográficos Nacionais. O de Moçambique está quase pronto; o de Timor está em avançado processo de execução e os demais estão em andamento.

O argumento central utilizado pelo GTT em defesa de uma nova mudança ortográfica, de que o projeto pretende "simplificar a língua portuguesa sem gerar prejuízos no processo pedagógico atual", não se sustenta cientificamente, já que as reformas ortográficas alcançam tão somente o nível da codificação da língua escrita.

Hoje é um equívoco fundamental acreditar que a ortografia seria a representação da fala, sendo consensual entre os especialistas que a língua escrita não pode ser interpretada como sendo mero reflexo da língua falada.

Também é preciso observar que, por conta dessa não relação direta entre fala e escrita, a assimilação de uma nova codificação ortográfica é muito mais um reflexo do tempo e da memória experienciada nas relações de leitura e escrita, do que propriamente a assimilação de alguma técnica milagrosa ou facilitadora.

Outro aspecto delicado de um projeto como esse é o impacto econômico que ele causa. Ou seja, seriam exponenciais os custos gerados para readaptar nossos dicionários, o acervo de nossas bibliotecas, a literatura em geral, os nossos livros acadêmicos e didáticos. Sobretudo quando consideramos que grande parte do material impresso no Brasil, a partir de 2008, acabou de se atualizar ortograficamente, segundo o AO vigente, que em grande parte já foi assimilado pela comunidade brasileira de usuários da língua escrita.

Considerando os argumentos acima, a ABEU, em nome de suas 121 editoras universitárias associadas, vem registrar a sua rejeição a esse novo projeto de mudança de nossa ortografia, conclamando à Comissão aqui citada para que antes de leva-lo adiante, dê espaço para o contraditório, ouvindo a comunidade científica brasileira especializada – hoje bastante numerosa e qualificada – nos debates sobre os modos de existência das línguas humanas e sobre as especificidades da educação linguística.

Campina Grande, 09 de maio de 2014.

verbo-ago-2014.indd 9 07/08/2014 11:54:52

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

Às 10 horas e 30 minutos do dia 9 de maio de 2014, no Centro de Convenções do Garden Hotel, em Campina Grande, teve início a Assembleia Geral ordinária, cuja convocação foi feita em 04 de abril de 2014, por meio do ofício 047/14. A reunião contou com 46 representantes de editoras associadas. A reunião foi conduzida pelo presidente da Associação, que iniciou com as palavras de abertura e em seguida conduziu a apresentação dos presentes. Em seguida foi lida a carta do ex-membro da diretoria e ex-diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Maria, Honório Rosa Nascimento, comunicando a sua aposentadoria. Foi destacada, pelo presidente, a grande contribuição dada pela Prof. Honório à vida associativa e para a editoração universitária brasileira. Foi apresentado e comentado o relatório de ações da atual diretoria, referente ao período de setembro de 2013 a abril de 2014. Sobre a Feira do Livro de Frankfurt, foi ressaltado que a participação no estande da Câmara Brasileira do Livro(CBL), no ano de 2013, foi com o total apoio do governo brasileiro, que, neste ano, não financiará esta participação. Destaca-se que é sempre importante que aqueles que participaram no ano de homenagem, compareçam também no ano seguinte. Este ano a Abeu tem a possibilidade de ir por conta própria, e que, para tanto, conta-se com a interlocução com o pessoal da própria Feira de Frankfurt. A sugestão inicial é de um estande de 32 m², com um custo total estimado em R$ 100.000,00, o qual seria rateado entre os associados que quiserem participar e incluiria o aluguel de estande, envio dos livros e materiais, atendente trilíngue e a assessoria de Cristiana Negrão, pessoa com largo conhecimento sobre os trâmites e andamentos da Feira. Maria Cândida Del-Masso, da Editora Unesp e diretora de difusão editorial da ABEU, complementou dizendo que a Cristiana Negrão estuda os catálogos das editoras que ela representa e faz agendamentos e orientações. O diretor da editora de Lavras ressaltou que o importante é firmar o nome Abeu. O presidente afirma que também tem esta leitura. Dois associados se manifestaram: Lúcia Cortes, da Universidade Estadual de Ponta Grossa e Rosane Nicola, coordenadora editorial da Editora Universitária Champagnat, que ressaltou a necessidade de se preparar de fato para a Feira em termos de projeto e vendas de direitos autorais. Ficou decidido pelo estande próprio, cotando-se um estande menor para redução de custos e adotando o sistema de adesão, ficando a cargo da secretaria da Abeu o levantamento de novos e reduzidos custos e o encaminhamento de ofício para os associados. A ideia é que haja uma constância na participação da Abeu na Feira de Frankfurt, como ação permanente e com possíveis buscas de apoio financeiro para tal participação. A diretora da Editus – Editora da UESC, Rita Argolo, também falou no mesmo sentido, e sugere a realização de um workshop com a Cristiana Negrão, que deverá ser incluído na reunião anual da Abeu no próximo ano. O balanço financeiro foi apresentado pelo Conselho Fiscal, que analisou as contas no período de 01 de abril de 2013 a 01 de maio de 2014 e as aprovou. Destaca-se que o balanço está disponível no espaço restrito e que um balanço mensal tem sido enviado para o Conselho Fiscal para um melhor acompanhamento. O Conselho fiscal e o tesoureiro da Abeu, após análise, propuseram, para uma melhor adequação orçamentária , ajuste na contribuição anual das editoras associadas, passando para os seguintes valores: faixa 1, passa de R$ 1.000,00 para R$ 1.200,00; faixa 2, passa de R$ 1.500,00 para R$ 1.600,00 e a faixa 3 de R$ 2.000,00 para R$ 2.400,00. Foi aprovado pela maioria presente e passa a vigorar para as anuidades de 2015. Foi apresentada a proposta da CARTA DE CAMPINA GRANDE pelo diretor de eventos da Abeu e diretor da Editora UFPR, Gilberto de Castro, cujo teor trás um posicionamento da Abeu em função do Grupo de Trabalho Técnico (GTT), criado pela Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal, com a finalidade de rediscutir a “ortografia” de nossa língua, visando a sua simplificação e seu aperfeiçoamento —isso no contexto presente, em que estamos agora muito pouco distantes da implantação definitiva do Acordo Ortográfico (AO), vigorando no Brasil desde 2009. Segundo o próprio Gilberto, não há, no GTT, especialistas em linguística e sim pessoas sem conhecimento de

verbo-ago-2014.indd 10 07/08/2014 11:54:53

fato da questão. A carta foi lida e aprovada por aclamação[1]. O diretor de comunicação da Abeu e diretor da Editora Leopoldianum, Marcelo Di Renzo, sugere que seja dado conhecimento às entidades do livro e ampla divulgação desta ação da Abeu. O presidente da Abeu comunicou que Helena Bonito Couto Pereira foi convidada para assumir a pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação da Universidade Mackenzie, e, portanto, não poderá dar continuidade no cargo que ocupa na diretoria da Abeu, renunciando a ele. Para ocupar o cargo vacante, foi indicado pelo grupo das editoras dessa região, o diretor da Editora da Universidade Federal de Lavras, Sr. Renato Paiva. O nome foi aceito pela Assembleia e o Sr. Renato tomou posse nesta mesma data. Em seguida foi apresentada a sugestão do secretário executivo da Abeu, Rubens Mandelli Nery, de que as próximas diretorias da Abeu, quando eleitas, imediatamente tomassem posse. O vice-presidente da Abeu e diretor da Editora Unisinos, Carlos Alberto Torres Gianotti, ressaltou a questão estatutária de que o mandato é de dois anos e de que a mudança implicaria redução de tempo de trabalho da diretoria vigente, visto que a próximo reunião anual (e Assembleia Geral ordinária) será no mês de maio de 2015 e que o término dessa gestão estava previsto para agosto de 2015. A justificativa para tal alteração é que a nova gestão tem dificuldades iniciais de trabalho ao tomar posse no segundo semestre, já próximo aos fechamentos administrativos anuais. Desse modo, e em caráter excepcional, a assembleia aprovou a redução do mandato da diretoria vigente e decidiu pela posse imediata da diretoria assim que eleita. O diretor financeiro, e diretor da Editora da PUCRS, Jerônimo Carlos Santos Braga, representando as editoras da região Sul, apresentou a proposta de homenagear editores que tenham se distinguido em serviços para a ABEU, quer por representação, quer por participação na Diretoria e serviços especiais prestados à entidade. A homenagem seria em forma de um diploma de honra ao mérito, que futuramente poderá ser uma medalha ou comenda. A concessão deverá ser através de proposta exclusiva de componentes da Diretoria e regionais e analisada por comissão nomeada pelo Presidente. A proposta foi aprovada pela Assembleia por unanimidade. Após carta previamente enviada ao presidente da Abeu, foi formalmente apresentada a candidatura da Editora da Universidade Federal de Santa Maria para sediar a futura reunião anual desta Associação, em 2015. Foi lida a carta do reitor Paulo Afonso Burmann, dessa Universidade, e do diretor da Editora, Daniel Arruda Coronel. As motivações apresentadas dizem respeito a Santa Maria ser cidade cultura, cidade universitária e cidade central do estado. O Prof. Daniel propôs, ainda, que a Abeu participe, com estande coletivo, da Feira do Livro realizada em Santa Maria em 2015, concomitante à realização da reunião anual. A proposta foi aprovada por aclamação. Por fim, foi apresentada a proposta para a Livraria Virtual para a Abeu, pela empresa Isthimus, solicitada pelo grupo de trabalho, designado pela presidência da Abeu para tratar desta questão. Após a apresentação, vários questionamentos foram levantados, em particular ao que diz respeito a questão logística e a comercialização que levaria o nome da Abeu e que, a princípio, foge a sua finalidade. A diretoria da Abeu considerou que, dada a quantidade de manifestações e debates, a proposta não estava madura o suficiente para ser apresentada ainda aos associados e levada adiante. Ficou definido que o grupo continuaria trabalhando para apresentar uma proposta melhor consolidada. A maioria dos presentes concordou. Terminadas as discussões do dia, o presidente agradeceu a presença de todos e deu por encerrada a reunião, que eu, Flávia Goulart Mota Garcia Rosa, secretariei.

Campina Grande, 9 de maio de 2014.

João Carlos Canossa P. Mendes - Presidente
Flávia Goulart Mota Garcia Rosa - Diretora Secretária

[1] O Manifesto de Campina Grande encontra-se na p.9

verbo-ago-2014.indd 11 07/08/2014 11:54:53

Plano/Relatório de gestão da diretoria ABEU 2014

Foto: Eduepa

Reunida na sede da EdUEPB, a diretoria avaliou os primeiros meses de gestão

AÇÕES POLÍTICAS

• Manutenção do diálogo com os órgãos dirigentes de políticas públicas para o livro e a leitura;

• Buscas de ampliação de diálogo e de agendamentos com autoridades governamentais em Brasília;

• Entendimentos permanentes com as entidades nacionais do livro: CBL, ANL, ABDL, LIBRE, entre outras;

• Interação constante com EULAC (Editoriales Universitarias de América Latina y el Caribe), ASEUC (Colombia), REUN/REUP (Argentina) e RED AL-TEXTO (México)

AÇÕES ASSOCIATIVAS

• Ampliação do quadro associativo, de 112 para 121 editoras;

• Apoio ao CONTEC Brasil 2014 (São Paulo e Canoas/RS)

• Apoio ao Seminário O Futuro do Livro é o Livro, promovido pela Editora Fiocruz, na comemoração dos seus 20 anos;

• ABEU na Feira do Livro de Frankfurt, com participação de João Carlos Canossa e Flávia Rosa na palestra *Brazilian university publishing: advances and challenges*

verbo-ago-2014.indd 12 07/08/2014 11:54:55

(A edição universitária brasileira: avanços e desafios), no estande do Brasil;

• ABEU na Feira Internacional do Livro de Guadalajara, com presença no Tercer Encuentro de Editoriales Universitarias y Académicas de América Latina y el Caribe, ocasião em que João Carlos Canossa foi eleito vice-presidente da EULAC para a região do Atlântico. Também representou o Brasil, a diretora de difusão editorial da ABEU, Maria Candida Del-Masso;

• Elaboração de anteprojeto do Prêmio ABEU

• Fornecimento de ficha catalográfica para associados e não associados;

• Publicação da Revista Verbo (nº 9).

• GT para estudo das possibilidades de comercialização dos livros das editoras associadas pela ABEU;

• GT para captação de recursos externos, a fim de minimizar custos aos associados e dar maior poder de atuação à ABEU;

• Entendimentos com a Vervi, em busca de uma assessoria de comunicação profissional para a Associação.

FEIRAS E EVENTOS

• XVI Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, com 47 editoras no espaço coletivo e 8 editoras em espaços personalizados (28/08 a 08/09/2013).

• XI Feira Universitária do Livro de Curitiba (16 a 21/09/2013)

• Feira do Livro de Frankfurt (9 a 13/10/2013)

• Feira Internacional do Livro de Guadalajara (30/11 a 08/12/2013)

• 11ª feira do Livro de Joinville (4 a 13/04/2014);

• 2ª Bienal Brasil do Livro e da Leitura (12 a 21/04/2014);

• 13th International Public Communication Of Science and Technology Conference – a convite da EDUFBA;

• Feira Internacional do Livro Universitário da Universidade Veracruzana, na cidade de Xalapa, México (9 a 18/05/2014);

• II Seminário Internacional: Cultura e Desenvolvimento (14 a 16/05/2014) – a convite da Argos Editora da Unochapecó.

verbo-ago-2014.indd 13 07/08/2014 11:54:56

Foto: Elisabete Kowata

Maria José, Gilson, Cidoval, Helena, Selma e Dirceu: Diretores regionais elaboram o raio-x da produção nacional

Foto: Eduepa

Tânia empolga a plateia na abertura da Reunião

Foto: Elisabete Kowata

Ricardo Corte apresenta projeto Frankfurt

Foto: Elisabete Kowata

Margareth Nunes (UFG), uma das relatoras dos GTs

Foto: Elisabete Kowata

Wellington, Jerônimo e Maria Cristina debatem direito autoral

verbo-ago-2014.indd 14 07/08/2014 11:55:08

Foto: Elisabete Kowata

Grupo Palavra: poesia em cena

Foto: Eduepa

Associadas prestigiaram a Reunião

Foto: Elisabete Kowata

Gupos temáticos: experiência bem sucedida

Foto: Elisabete Kowata

Grupo Acauã: música regional para animar

verbo-ago-2014.indd 15 07/08/2014 11:55:21

Em defesa da língua portuguesa

Foto: Cristóvão Tezza

Carlos Alberto Faraco

A rediscussão da "ortografia" da nossa língua pelo do Grupo de Trabalho Técnico (GTT), criado pela Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal, está ganhando espaço público graças ao alerta feito, com muita propriedade, pelo professor Carlos Alberto Faraco. Baseado em sua manifestação, foi elaborada a Carta de Campina Grande, da ABEU.

Professor Titular (aposentado) de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Paraná, Carlos Alberto Faraco fez parte da Comissão que, em 2007/ 2008, assessorou o governo federal no processo de implantação do Acordo Ortográfico de 1990 no Brasil. Atualmente, é o Coordenador-Geral da Comissão Nacional Brasileira do Instituto Internacional da Língua Portuguesa da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa(CPLP). Em entrevista[1] exclusiva para a VERBO., a seguir, ele detalha sua preocupação com a revisão do Acordo Ortográfico proposta pelo Senado, que qualifica como "simplificadora", e relata o desenvolvimento do Vocabulário Ortográfico Comum (VOC), cujo objetivo é consolidar a forma ortográfica das palavras do conjunto dos países.

[1] Entrevista concedida ao Prof. Gilberto de Castro, diretor de Eventos da ABEU.

verbo-ago-2014.indd 16 07/08/2014 11:55:25

Em 2008, um decreto presidencial introduziu na ordem jurídica nacional o Acordo Ortográfico de 1990. A adaptação às normas do Acordo teve inevitável custo econômico para a indústria do livro. Qual a situação atual da implantação do Acordo no Brasil e nos demais países de língua oficial portuguesa?

O Acordo Ortográfico de 1990 está integralmente implantado no Brasil; está em avançado processo de implantação em Portugal (que estipulou maio de 2015 como o prazo final para sua vigência definitiva); e em processo inicial de implantação nos demais países que já o ratificaram. Falta ainda a ratificação em dois países – Angola e Moçambique. Em Moçambique, o processo está mais avançado porque o Conselho de Ministros recomendou ao Parlamento sua ratificação e se acredita que ela será feita ainda na presente legislatura. Em Angola, a questão deve avançar em breve, considerando que os problemas apontados por linguistas angolanos estão sendo equacionados à medida que se elabora o Vocabulário Ortográfico Comum, coordenado pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa, órgão da CPLP a que cabe o trato técnico das questões linguísticas de interesse multilateral.

O Acordo de 1990 precisa ser rediscutido?

Não há nenhuma razão plausível para se defender uma rediscussão do Acordo. Seus objetivos estão sendo alcançados e o próprio processo de sua implantação, já bastante avançado, deixa claro que não há necessidade de rediscutir os termos acordados em 1990.

Mas alega-se que o Acordo é omisso em alguns pontos e tem outros pontos mal redigidos.

O Acordo, como qualquer texto legal, é omisso em alguns pontos (não define, por exemplo, critérios para o aportuguesamento ortográfico de palavras incorporadas de outras línguas) e tem pontos que exigem interpretação (os casos, por exemplo, em que se apresentam algumas exceções às normas gerais devem ser lidos de forma categórica ou facultativa? Ou seja, a exceção é uma grafia obrigatória ou apenas alternativa à grafia prevista pela norma geral?). Tudo isso está sendo devidamente equacionado na elaboração do Vocabulário Ortográfico Comum, sob a coordenação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa da CPLP. Interessante observar que na maioria absoluta dos casos há grande coincidência entre as diferentes equipes de especialistas dos vários países quanto ao modo de resolver esses problemas. É importante lembrar que o Acordo não aboliu a tradição ortográfica construída ao longo de séculos. Assim, muitas questões podem ser facilmente resolvidas com apoio na tradição, como aliás já recomendava Fernão de Oliveira, o primeiro gramático da língua, no século 16. Importante também lembrar que o Acordo de 1990 não foi um fato isolado, mas o ponto de chegada de estudos e negociações que começaram na década de 1920 sempre com o mesmo objetivo – não o de reformar a ortografia (as bases fixadas em 1911 nunca entraram em questão), mas o de fazer os necessários ajustes para que a ortografia do português ficasse submetida a um único conjunto de normas, abolindo a dualidade de ortografias oficiais – a lusitana e a brasileira, prejudicial às perspectivas de expansão da língua no contexto internacional.

O que é o Vocabulário Ortográfico Comum a que o senhor acaba de se referir?

O Vocabulário Ortográfico Comum (VOC) é um instrumento de gestão da ortografia que foi previsto pelo Acordo Ortográfico de 1990. Como a ortografia do português, em consequência do Acordo, passou a ser gerida pelo conjunto dos países de língua oficial portuguesa, o texto do Acordo previu a elaboração de um Vocabulário Ortográfico que consolidasse a forma ortográfica das palavras não apenas de um país, mas do conjunto dos países. Para sua execução, o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP) assinou um convênio técnico com o Instituto de Linguística Teórica e Computacional da Universidade de Lisboa e com a Universidade Federal de São Carlos. E constituiu uma equipe de consultores com especialistas dos países da CPLP.

O Vocabulário Ortográfico Comum (VOC) já está pronto?

O VOC está em avançado estágio de elaboração. Já conseguimos, pela primeira vez na história da língua, unir numa só plataforma todas as bases léxico-ortográficas portuguesas e brasileiras. Só isso é já um magno acontecimento. Há, contudo, mais: o projeto do VOC está promovendo a elaboração de Vocabulários Ortográficos Nacionais onde ainda não havia nenhum. O de Moçambique e o de Timor-Leste estão prontos e já integrados ao VOC. E os demais em andamento. A primeira versão consolidada do VOC será apresentada na próxima reunião dos Chefes de Estado e Governo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) que vai se realizar em julho próximo em Dili (Timor-Leste). Boa parte desta versão já pode ser consultada gratuitamente na página do Instituto internacional da Língua Portuguesa (www.iilp.cplp.org).

verbo-ago-2014.indd 17 07/08/2014 11:55:25

Que importância tem o VOC?

Com o VOC, teremos à disposição não apenas uma referência comum e segura da ortografia, mas também um rol de acervos lexicais que vão permitir enriquecer substancialmente os dicionários da língua. Por tudo isso, o projeto do VOC tem recebido apoio institucional de importantes centros de pesquisa em processamento automático de línguas naturais, bem como recursos financeiros de diversas fontes como o Camões-Instituto da Cooperação e da Língua (Portugal) e o governo de Angola.

Segundo o decreto presidencial, o tempo de carência para a implantação do Acordo seria de quatro anos, vencendo em 31/12/2012. Em dezembro de 2012, a presidente prorrogou a carência por mais três anos. Essa decisão foi acertada?

Não, esta decisão foi um equívoco. O Acordo já está integralmente implantado no Brasil. Não havia qualquer razão para prorrogar seu prazo de carência. Parece ter ocorrido por insistência de alguns senadores que, segundo noticiou a imprensa, queriam que o Brasil fizesse um gesto de gentileza para com Portugal, onde o prazo de carência do Acordo vence em maio de 2015. Infelizmente, a decisão foi tomada sem que se consultasse a Comissão que assessorou o governo federal em 2007/8 no processo de implantação do Acordo no Brasil. Isso teria evitado o que acabou sendo um vexame internacional para o Brasil. Demos um pretexto para que, nos demais países, houvesse muitos a duvidar de nossa seriedade no trato de questão tão complexa e delicada, quando o nosso processo de implantação (inclusive a definição do prazo de carência, que tomou, por razões óbvias, o calendário do Programa Nacional do Livro Didático como base) foi extremamente cuidado do ponto de vista técnico e político. De qualquer forma, é importante não esquecer que qualquer retrocesso na implantação do Acordo no Brasil implicará enormes prejuízos para as editoras nacionais, além de incalculável e injustificável desperdício de dinheiro público, considerando que todos os milhões de livros do Programa Nacional do Livro Didático têm sido impressos, desde 2010, com a ortografia prevista no Acordo.

"Qualquer retrocesso na implantação do Acordo no Brasil implicará enormes prejuízos para as editoras nacionais"

A Comissão de Educação do Senado constituiu um Grupo Técnico para apresentar propostas de simplificação da ortografia. Como avalia essa iniciativa?

Infelizmente, ao que tudo indica, a Comissão decidiu patrocinar uma reforma ortográfica "simplificadora" sem que se tenha dado espaço para o contraditório. Até onde se sabe, a Comissão não ouviu nenhum especialista na história da nossa língua e da nossa ortografia; tampouco ouviu representantes da indústria editorial; e também não ouviu nenhum dos educadores que se dedicam ao estudo do processo de alfabetização e letramento. Se o ponto de vista contrário tivesse sido ouvido, teria ficado logo claro que o dissenso nessa matéria é muito maior do que qualquer consenso – o que é indicador suficiente para não se acolher propostas de reformas ortográficas, por mais bem intencionadas que pareçam ser à primeira vista. O dissenso é maior que o consenso por uma razão simples: os impactos econômicos, culturais e educacionais negativos sobrepujam em muito qualquer alegado benefício de uma "simplificação" ortográfica. Não sei onde os senadores querem chegar, mas, considerando os equívocos do ponto de partida, a bom termo não será com toda certeza.

Mas a ortografia do português não tem aspectos incongruentes?

Em matéria de ortografia, qualquer fenômeno apontado como "incongruência" é muito relativo. Incongruência em relação a quê? A ortografia é um complexo sistema de representação abstrata da língua e não uma forma de transcrevê-la diretamente. A transcrição direta (o que alguns chamam de "ortografia fonética" ou "sônica" ou "de acordo com a pronúncia") é absolutamente impossível: a variedade de pronúncias de uma língua é tão grande que tomá-las como critério resultaria num caos ortográfico. Por isso, qualquer sistema ortográfico, para ser de fato funcional, precisa ser construído a uma boa distância da fala. Por outro lado, qualquer sistema ortográfico é sempre composto não com base num único critério, mas com base em múltiplos critérios. Há sempre um compromisso entre uma relativa transparência fonológica (uma determinada correspondência não de sons e letras, mas de fonemas e letras – os fonemas são unidades abstratas do sistema fonológico), uma dose de memória etimológica e certos padrões fixados por tradição. No caso do português, a ortografia vem sendo construída há quase um milênio e carrega um pouco de cada um desses critérios, o que reflete

verbo-ago-2014.indd 18 07/08/2014 11:55:28

Fonte: freeimages.com

diferentes momentos da nossa longa história cultural. Não há, portanto, "incongruências", mas resultados diversos da multiplicidade de critérios envolvidos na construção histórica da ortografia. Nessa construção, diga-se de passagem, nenhum critério pode ser tomado como único. Nem mesmo o da transparência fonológica porque, de um lado, a língua comporta mais de um sistema fonológico simultaneamente; e, por outro, a língua muda constantemente e a ortografia deve ser estável para que possamos ler textos escritos em diferentes lugares e tempos. Em todo esse debate, é importante também lembrar que a ortografia não existe apenas para termos um código comum para escrever as palavras. Ela é também guia para o processo de leitura. Uma reforma como defendem os "simplificadores" produziria um excessivo número de homógrafos, aumentando sensivelmente os custos cognitivos do processo de leitura. É também por isso indesejável.

Alega-se que uma simplificação ortográfica facilitaria a alfabetização, reduzindo inclusive seu custo. O senhor concorda com essa afirmação?

Este argumento não tem qualquer fundamento. Se a ortografia dificultasse a alfabetização, não teríamos como explicar os elevados índices de alfabetização que alcançaram sociedades em que se fala francês ou inglês, duas línguas que têm ortografias altamente complexas em razão da baixa transparência fonológica e do alto grau de imprevisibilidade. Seria também difícil de explicar as grandes diferenças no índice de alfabetização entre países em que se fala castelhano (cuja ortografia é bastante regular). Como escreveu recentemente o linguista Marcos Bagno (em sua coluna na revista *Caros Amigos*), a realidade nos mostra que é preciso quebrar esse mito. Diz ele: "é a educação de qualidade que leva um povo a se apoderar de seu patrimônio letrado e a ser capaz de ler e escrever bem, independentemente do tipo de sistema de escrita empregado".

verbo-ago-2014.indd 19 07/08/2014 11:55:35

A leitura e o leitor

Fotos divulgação

Roger Chartier

A leitura é um dos métodos de apropriação do conhecimento, isso é sabido e aceito. O que se discute, no momento, é quem é o leitor no contexto da moderna sociedade, centrada em eixos como o consumismo, a tecnologia, o individualismo e o entretenimento. Especialista em leitura, com ênfase nas práticas culturais da humanidade, o francês Roger Chartier é um dos mais reconhecidos historiadores da atualidade, bastante conhecido no Brasil entre os estudiosos do assunto. Nascido na cidade de Lyon, em 1945, Chartier cresceu em uma família operária. Em seus estudos, não se dedica apenas ao passado, mas interessa-se também pelos efeitos da revolução digital: "Estamos vivendo a primeira transformação da técnica de produção e reprodução de textos e essa mudança na forma e no suporte influencia o próprio hábito de ler", diz.

Nesta entrevista exclusiva a VERBO[1], Chartier fala sobre o leitor moderno, o papel da leitura na formação do indivíduo, no desenvolvimento da criatividade, na inclusão social. E aborda a função social da universidade ao investir na produção editorial.

Como o senhor caracteriza um leitor, ou seja, o que é ser leitor na sociedade de hoje?

[1] Entrevista concedida a Carlos Alberto Giannotti e Marcelo Di Renzo, respectivamente vice-presidente e diretor de Comunicação da ABEU, via-email. Colaboraram: José Castilho Marques Neto (contatos), Lucas Cureau (tradução), Célia Demarchi, da Unesp (texto de apresentação).

verbo-ago-2014.indd 20 07/08/2014 11:55:36

Uma pergunta difícil porque faz supor uma distinção entre a leitura como capacidade funcional exigida pelo mundo moderno, e a leitura como instrumento de saber ou prazer, de aprendizagem e de lazer. O importante é assegurar o deslocamento da aquisição das competências do ler e escrever até a produção do desejo de ler, a consciência que a leitura é uma prática essencial para compreender com mais lucidez o mundo social, o passado, o ser humano e, finalmente, si mesmo. Assegurar este deslocamento é uma tarefa que deve estar coletivamente partilhada entre a escola, as mídias, as instituições públicas.

É possível dizer que a leitura nos torna seres humanos melhores? É possível, por meio da leitura, desenvolver a responsabilidade pessoal e o senso de dever, buscar um sentido para a vida, transcender a por vezes mesquinha realidade imediata - numa palavra, aprimorar a personalidade? Um exemplo prático: Em Joaçaba, município do estado brasileiro de Santa Catarina, foi implantado um inovador projeto intitulado "Reeducação do Imaginário", que estimula o contato dos apenados com grandes clássicos da literatura universal. O senhor acredita na eficácia desse tipo iniciativa?

Parece-me uma iniciativa magnífica. Com certeza, não devemos reduzir a leitura apenas à de livros. Pessoas que parecem não ler (ou que dizem que não lêem) de fato lêem muito. Pois ler não é somente ler livros e ler não é somente ler objetos impressos. Os "nativos digitais" são leitores de revistas e outros textos eletrônicos, e não somente usuários de jogos eletrônicos ou escritores de e-mails ou SMS (Christophe Evans, 2011)[2] . Por outro lado, ler não é somente ler um texto da primeira à última linha. A história da leitura nos tem ensinado sobre a diversidade das práticas designadas pela palavra leitura: ler em voz alta para os outros ou para si, ler silenciosamente, ler intensiva ou extensivamente, ler para o estudo ou para o prazer, ou, como disse Umberto Eco, ler libri da leggere e ler libri da consulta. Devemos levar em conta essas variadas formas de ler – que se tornaram contemporâneas com o passar dos séculos – antes de estabelecer um diagnóstico generalizado sobre a perda ou ausência da leitura. Mas é verdade também que não são equivalentes todas as leituras e que algumas obras do passado ou do presente ajudam mais que outras na compreensão do mundo; porque, como em Dom Quixote ou nas peças de Shakespeare, são arraigadas no seu tempo e desvelam mecanismos de dominação, relações de poder, paixões e sentimentos que têm uma realidade universal. Tudo é uma questão de como fazer para que os leitores mais afastados da herança cultural possam entrar nesses textos e deles se apropriar. Daí de novo o papel fundamental da escola, das mídias, das bibliotecas, das livrarias, dos promotores da leitura.

Fala-se muito aqui no Brasil que a leitura é um fator essencial de inclusão social. É possível a formação de cidadãos educados, mas que não tenham o hábito de ler?

Devemos evitar de pensar que a leitura, o livro, a escrita são os únicos instrumentos para compreender o mundo, a natureza, a cidade. E a razão pela qual em seu pequeno livro *A importância do ato de ler*, Paulo Freire faz a distinção entre dois sentidos da palavra "ler". (Paulo Freire, 1982)[3] Um sentido literal: ler é ler letras, palavras, livros. Essa leitura supõe a alfabetização, a aprendizagem escolar, o domínio da palavra escrita. Porém "ler" tem também um sentido metafórico. Ler é, antes e depois da leitura do livro, "ler" o mundo, a natureza, a memória, os gestos, os sentimentos - tudo aquilo que Paulo Freire designa com um neologismo: palavramundo. "Ler a leitura"[4] é talvez entender as relações entre esses dois sentidos do verbo ler, considerando, por um lado, a especificidade da leitura dos livros – o que deve evitar o perigo do uso descontrolado e excessivo da palavra, como se toda "leitura" fosse governada pelas regras que caracterizam a decifração de textos – e, por outro lado, os processos que organizam segundo lógicas muito diferentes a compreensão imediata do mundo ou das experiências da vida. Mas isso não deve fazer esquecer que no mundo contemporâneo não saber ler é uma forma de exclusão social que deixa o indivíduo totalmente desprovido frente às exigências burocráticas ou às necessidades de comunicação. Nesse sentido, a formação do cidadão deve supor a

"Não saber ler é uma forma de exclusão social que deixa o indivíduo totalmente desprovido..."

[2] Evans, Christophe (dir.). Lectures et lecteurs à l'heure d'Internet: livre, press. bibliothèques. Paris: Editions du Cercle de la Librairie. 2011.

[3] Freire, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez / Autores Associados.1982.

[4] Título de conferência que Roger Chartier apresentou no Seminário Internacional "¿Qué leer? ¿Cómo leer? Perspectivas sobre la lectura en la infancia", organizado pelo Plan Nacional de Fomento de la Lectura, Lee Chile Lee, del Ministerio de Educación y la Universidad Diego Portales durante os días 6 e 7 de dezembro de 2012.

verbo-ago-2014.indd 21 07/08/2014 11:55:36

aquisição duma capacidade crítica diante das mensagens impostas pelas propagandas, da publicidade, das falsas evidências, dos fanatismos, da intolerância. A leitura é um instrumento privilegiado para que o cidadão possa tomar essa distância crítica e realizar o sonho de Kant[5] que afirmava, no século XVIII, que o espaço público exigia que cada indivíduo pudesse exercer o uso de sua razão.

Em recente artigo em que analisa a situação brasileira publicado no jornal O Estado de São Paulo (12/06 - A2) - parafraseando a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, que um dia disse que "país rico é país sem miséria" -, o jornalista e professor Eugênio Bucci afirmou que "país rico é país sem pobreza vocabular". O senhor poderia comentar essa afirmativa de Bucci?

Se compreendo bem essa afirmação, se trata de novo da relação entre a leitura ou escrita como capacidade necessária para a vida social e a apropriação mais rica, mais profunda, mais diversificada dos textos, das obras e das palavras que permitem pensar (e tal vez sentir) e expressar com mais sutileza e matizes os sentimentos, os pensamentos,as ideias e as opiniões. Concordo com essa reflexão que propõe uma grande ambição na aprendizagem escolar, na alfabetização, no letramento. A democratização é também o fim do monopólio dos dominantes sobre formas culturais que devem estar compartilhadas. Daí a importância do acesso no saber.

Seguidamente, relaciona-se a leitura de livros ficcionais ao desenvolvimento da capacidade de imaginação do leitor. Isso lhe parece verdadeiro ou a capacidade imaginativa é algo que a pessoa não pode aperfeiçoar?

Não tenho a competência para responder, mas me parece que os livros de ficção (e também outros) convocam a imaginação do leitor para preencher os silêncios do textos, apagar as fronteiras entre a história e seu próprio mundo, produzir imagens mentais a partir da narração. Foi o caso com Dom Quixote, com os romances de Richardson, com a poesia. E é o caso de uma telenovela, um romance policial, um livro de historia. É verdade que alguns livros são mais abertos que outros para o desenvolvimento da capacidade imaginativa do leitor. Mas sempre devemos pensar que, dentro dos limites próprios, num tempo ou numa comunidade de leitura, o leitor cria um sentido que não está presente no texto. Nesse sentido, ler é exercer esta apropriação singular ou partilhada da escrita; é também manter viva, criativa, a faculdade imaginativa.

Na sociedade moderna, controlada pelo mercado e pela tecnologia, as editoras das universidades enfrentam pressões diversas em nome da sustentabilidade, às quais tentam se adaptar. No seu entendimento, ainda há necessidade de as universidades investirem na produção editorial como políticas de difusão do conhecimento e de formação de leitores?

Me parece uma tarefa difícil, cada dia mais difícil, mas mais indispensável. E verdade que existe uma crise na edição de livros de ciências humanas e sociais. Em ambos os lados do Atlântico, os efeitos dessa crise são comparáveis. Nos Estados Unidos, o dado essencial é a redução drástica da aquisição de monographs por parte das bibliotecas universitárias, cujos orçamentos estão sendo devorados pelas compras de publicações periódicas em ciências exatas que, em alguns casos, alcançam cifras consideráveis de até dez e quinze mil dólares por ano. A isso se deve à resistência das academic presses em publicar livros considerados muito especializados e sem mercado: teses de doutorado transformadas num livro, estudos monográficos, livros de erudição.

É verdade também que a revolução digital transforma profundamente as modalidades das argumentações e os critérios ou recursos que podem mobilizar o leitor para aceitá-las ou rejeitá-las. Por um lado, a textualidade eletrônica permite desenvolver as argumentações ou demonstrações segundo uma lógica que já não é necessariamente linear nem dedutiva – tal como implica a inscrição de um texto sobre uma página –, mas, sim, que pode ser aberta e relacional graças à multiplicação dos vínculos hipertextuais. Por outro lado, e como consequência, o leitor pode comprovar a relevância de qualquer análise consultando por si mesmo os textos (mas também as imagens, as palavras gravadas ou as composições musicais) que são o próprio objeto de estudo, naturalmente, se estiverem acessíveis em uma forma digital. Semelhante possibilidade transforma as técnicas clássicas da prova (notas de pé de página, citações, referências bibliográficas) que supunham que o leitor tivesse confiança no autor sem ter a possibilidade de colocar-se na mesma posição que ele frente aos documentos analisados ou utilizados. Nesse sentido, a revolução digital constitui também uma mutação epistemológica que modifica os modos de construção e acreditação dos discursos do saber. Pode-se assim abrir novas perspectivas à aquisição de conhecimentos outorgada pela leitura.

Todas essas razões parecem anunciar a morte programada da edição impressa das obras de saber

[5] Kant, Immanuel. . "Beantwortung der Frage: Was Ist Aufklärung?". Berlinische Monatsschrift, Dezember-Heft.1784,pp. 481-494.

verbo-ago-2014.indd 22 07/08/2014 11:55:37

(e das editoras universitárias). Mas esta perspectiva me parece perigosa para a relação que os leitores de hoje devem manter com as formas prévias da cultura escrita e com os conceitos e práticas que conformaram a percepção dos textos. Manter o livro impresso como forma essencial da difusão do conhecimento permite afrontar com mais certeza duas perguntas decisivas. Como reconhecer uma ordem do discurso que foi sempre uma ordem dos livros ou, para dizer melhor, uma ordem do escrito que associa estreitamente autoridade de saber e forma de publicação, quando as possibilidades técnicas permitem colocar em circulação universal opiniões e conhecimentos, mas também erros e falsificações? Como preservar maneiras de ler que construam a significação a partir da coexistência de textos em um mesmo objeto (um livro, uma revista, um periódico) enquanto o novo modo de conservação e transmissão dos escritos impõe à leitura uma lógica analítica e enciclopédica pela qual cada texto não tem outro contexto além do proveniente de seu pertencimento a uma mesma temática? Essas perguntas têm relevância particular para as gerações mais jovens que, ao menos nos meios sociais com recursos e nos países mais desenvolvidos, têm se iniciado na cultura escrita mediante a tela do computador. Nesse caso, uma prática da leitura imediata e naturalmente habituada à fragmentação dos textos de qualquer tipo se opõe diretamente às categorias forjadas desde o século XVIII para definir as obras escritas a partir da individualização de sua escrita, a originalidade do texto e a propriedade intelectual de seu autor.

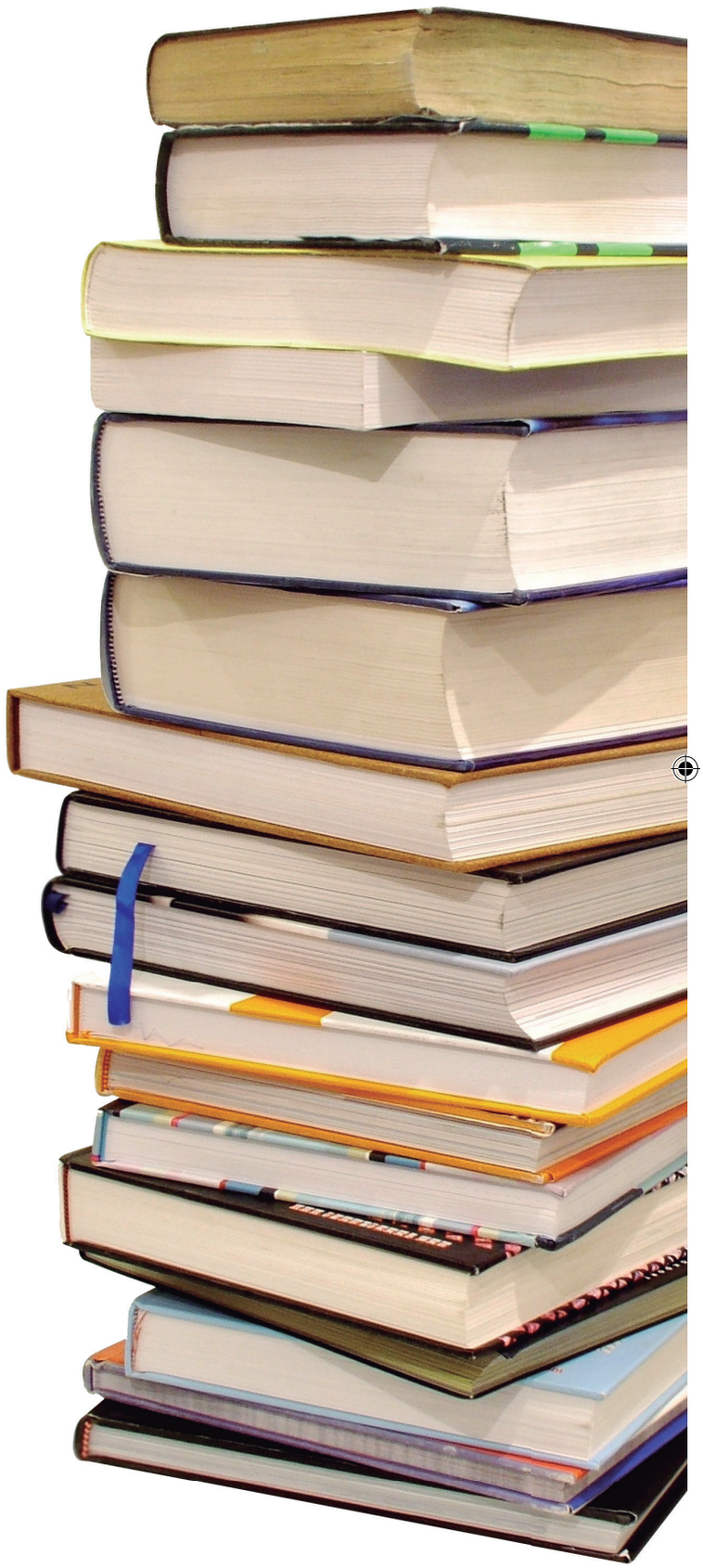
Daí a responsabilidade de todas as instituições, de todos os atores (editores, professores, bibliotecários, etc.) para que o futuro da cultura escrita possa desenvolver uma coexistência proveitosa entre as várias formas de registros, publicações e leituras da escrita.

OBRAS PUBLICADAS NO BRASIL

A Editora Unesp publicou as seguintes obras de Roger Chartier:

- A aventura do livro (1998)
- Os desafios da escrita (2002)
- Leituras e leitores na França do antigo regime (2004)
- Inscrever e apagar (2007)
- Origens culturais da Revolução Francesa (2009)
- A mão do autor e a mente da impressora (2014)

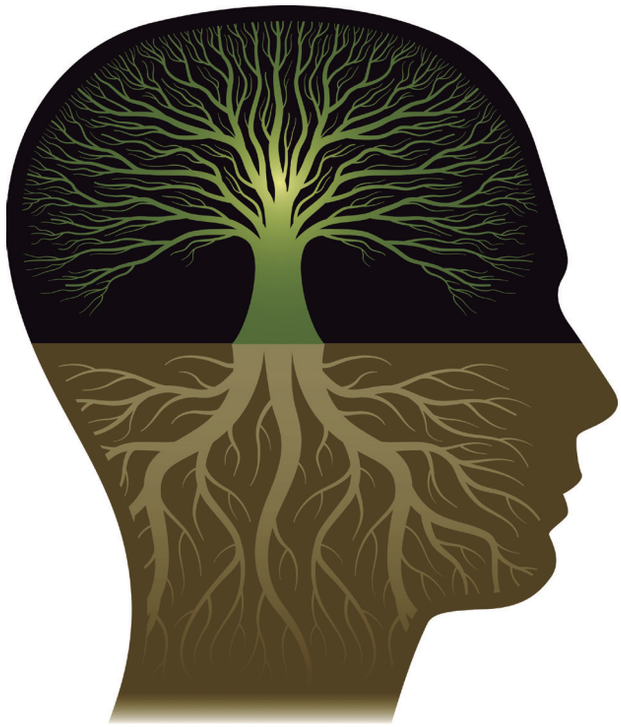
Fonte: uescolagestao.files.wordpresscom



verbo-ago-2014.indd 23 07/08/2014 11:55:38

Livro Universitário e a apropriação social do conhecimento

Tania Mariza Kuchenbecker Rösing[1]



Fonte: crescer.infowp-contentuploads201402conhecimento.jpg

O COMPROMISSO DAS EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Questões de leitura continuam em pauta no Brasil e no mundo. Em termos de leitura universitária, faz-se necessário identificar que setores, no contexto da universidade enquanto instituição responsável pelo ensino, pesquisa e extensão na formação profissional, assumem o trabalho não apenas de estruturar, em materiais de leitura, o conhecimento produzido nesse contexto específico, mas de difundi-lo em seu interior e fora dele, atingindo distintos contingentes de leitores.

Mais de cem editoras universitárias, distribuídas por distintos recantos brasileiros,

[1] Doutora em Letras pela PUCRS. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo/RS. Bolsista Produtividade CNPq. Coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo.

verbo-ago-2014.indd 24 07/08/2014 11:55:41

encontram-se abrigadas pela Associação Brasileira de Editoras Universitárias – Abeu -, em crescente funcionamento há 26 anos. Objetivam promover a cultura e socializar o conhecimento produzido em instituições de ensino superior por meio da produção e difusão do livro universitário, de natureza técnica, científica e pedagógica, seu principal produto." Os dados constantes do site da Abeu (www.abeu.org.br) não apenas se referem a suas finalidades, seus produtos, mas identificam que editoras universitárias a integram, seus catálogos, bem como o compromisso que elas assumem em divulgar o conhecimento produzido nos diferentes cursos de uma a universidade.

Um volume significativo de trabalhos desenvolvidos na universidade nem sempre encontra eco na sociedade, precisando ser divulgados em públicos específicos, com materiais específicos, não disponíveis no mercado editorial com finalidades prioritariamente comerciais. Entre estes, encontram-se obras raras, obras cujo conteúdo analisa resultados auferidos em atividades integradas de ensino e pesquisa que causem impactos de diferentes naturezas. Podem ser citadas, ainda, obras que abordam temas de interesse global de uma determinada área, ou temas de interesse mais restrito.

A organização das editoras em associação estimula o crescimento coletivo, praticando políticas de difusão do livro a partir de estratégias de marketing, implementando políticas de distribuição, com metas a serem cumpridas. No meio universitário, diferentemente das perspectivas de mercado, ou mesmo do meio empresarial, o objetivo "visar lucro financeiro com a transformação da venda do livro universitário em negócio" não é bem entendido pela maioria das universidades. À medida que se (re)conhece a importância dos materiais de leitura universitários no processo de formação superior de profissionais das mais variadas áreas do conhecimento e cria-se um foco de observação no desempenho do aluno universitário contemporâneo, cuidados com a edição e publicação desses materiais precisam ser ampliados e aprofundados.

DIFICULDADES COMUNS A EDITORAS UNIVERSITÁRIAS DE PEQUENO E MÉDIO PORTE

Manter uma editora no contexto de uma universidade é tarefa gratificante e pertinente, mas, sabemos, sua manutenção e seu crescimento dependem muito da importância que seus dirigentes concedem aos resultados desse trabalho.

Constata-se uma burocracia indesejável no tratamento das necessidades de uma editora que gera uma morosidade interna inaceitável. Em consequência, contata-se, também, uma distribuição dos materiais publicados muito lenta ou mesmo inexistente, cabendo ao autor a iniciativa de divulgá-los. Cada autor, portanto, passa a ter a função de "carregador de livros", obrigando-se a levá-los para divulgação em eventos de que participa, remetendo-os a programas de pós-graduação entre tantas outras iniciativas individuais. Merece ser considerado ainda o fato de grande parte dessas obras não terem um apelo comercial, e serem, por isso mesmo, destinadas a públicos específicos de âmbito local ou apenas regional.

Diferentes áreas do conhecimento atribuem maior valor ao artigo do que ao livro. Essa situação precisa ser considerada no planejamento de uma editora ao selecionar materiais a serem publicados, bem como os possíveis leitores dos mesmos. Algumas áreas valorizam mais o artigo do que o livro. Outro aspecto que merece ser observado é a competição que se instala entre editoras universitárias e editoras comerciais. Sabe-se, no entanto, que algumas editoras universitárias brasileiras alcançaram um grau de excelência tamanho que estão assumindo a venda do livro em patamares semelhantes ao desenvolvido por editoras comerciais, competindo pela qualidade dos conteúdos e do requinte da edição.

Tais considerações permitem que se enfatize o esforço necessário para manter editoras em universidades de médio porte, especialmente por praticarem ações excessivamente burocráticas, demonstrando o prazer de se distanciar da dinâmica do setor empresarial, sua agilidade, sua competência, seus resultados positivos visíveis.

Entre as obras publicadas por editoras universitárias consolidadas, encontram-se publicações globais impactantes, com conteúdos que significam importantes contribuições para os avanços de uma determinada área. Possuem um sistema de distribuição ágil, contemporâneo, atendendo demandas de diferentes naturezas, conseguindo otimizar suas vendas. Estes dados permitem que se contraponha a situação de editoras

verbo-ago-2014.indd 25 07/08/2014 11:55:41

emergentes que realizam uma distribuição restrita, com obras de interesse apenas local e regional, impedindo que seus conteúdos cheguem a outros leitores. Não está explícita a preocupação com o estudante universitário enquanto integrante do primeiro público leitor ao qual se destinam essas obras.

O LIVRO E O ARTIGO CIENTÍFICO

Professores investigadores realizam atividades de ensino, pesquisa e extensão também pressionados por exigências de órgãos governamentais preocupados com a qualificação cada vez maior do desempenho docente não apenas em programas de pós-graduação, mas também com o objetivo de provocar impactos de melhoria nos cursos de graduação, renovando seus currículos permanentemente. Publicações de livros, de artigos científicos emergem das ações referidas, em trabalhos desenvolvidos por professores em parceria com alunos de iniciação científica, mestrandos e doutorandos. É necessário reiterar que a publicação do livro científico é o foco das editoras universitárias abrigadas pela Abeu. Precisamos levantar, portanto, dados relativos à sua produção. Sem dúvida, o processo de produção de um livro é mais longo do que o dedicado à publicação de um artigo.

Nessa morosidade, encontra-se o fato de que o livro não é avaliado pelos pares do autor, mas por membros de um conselho editorial cujos integrantes são nomeados pelos dirigentes de uma gestão específica, muitas vezes de áreas diferentes que a do autor do texto, descomprometidos com o ritmo acelerado exigido nessa tarefa. São professores competentes em suas áreas, comprometidos politicamente com os dirigentes, mas que desconsideram a necessidade de imprimir agilidade ao trabalho de uma editora.

Com duração mais perene que um artigo, a natureza do livro provoca dificuldades em sua atualização, perdendo valor/importância em relação a artigos. Isto não significa que estamos desqualificando este suporte, mas devemos destacar o livro como uma produção científica com inquestionável inserção social. Exige, também, uma edição de um número mínimo de exemplares, cujo custo se torna ainda mais preocupante. E se for um livro internacional, exige tempo maior para a sua tradução.

Em relação ao artigo científico, sua produção e sua publicação ocorrem em tempo menor. Sua revisão é feita por pares do autor, interessados no avanço dos conhecimentos na área. A vida útil dos conteúdos abrigados num artigo é sempre menor, facilitando a sua atualização.

Publicação de livro e artigos precisa ser uma preocupação constante entre as pessoas que conduzem uma editora universitária, em meio a tantos professores movidos por interesses mesquinhos se confrontam com a renovação do conhecimento, suas necessidades de publicação e de divulgação a começar pelo meio universitário.

UNIVERSIDADES ENQUANTO CENTROS DE EXCELÊNCIA EM DETERMINADAS ÁREAS

É preciso chamar-se a atenção para uma realidade: universidades reconhecidas como centros de excelência em determinadas áreas do conhecimento recebem alunos que foram selecionados entre os melhores que se apresentaram para ingressar num curso superior. Esta condição permite que se infira que estes alunos selecionados constituem-se como leitores. Nesta condição de leitores, atuam com autonomia na busca do conhecimento publicado em diferentes fontes. Seus estudos independem das orientações exclusivas dos professores, uma vez que anseiam não apenas construir novos conhecimentos, mas balizar suas consultas, suas pesquisas em outros materiais e em outros suportes. Por demonstrarem grande interesse pela área de estudos, estão cientes de que há fontes bibliográficas em livros técnicos publicados por editoras comerciais, existentes nos catálogos mantidos pelas editoras universitárias, em periódicos científicos, em referências infográficas. Estão cientes também de que precisam se envolver com leituras de materiais que veiculam manifestações artísticas e culturais, pois vão assimilando a ideia de que sua formação profissional precisa ser ampliada e aprofundada com perspectivas inter, multi e transdisciplinares. Esse tipo de aluno busca insistentemente a ampliação dos seus saberes, fazendo-o pelo prazer de conhecer mais, de se tornar diferenciado entre seus pares, preparando-se para enfrentar o mercado do trabalho de forma muito profissional e diferenciada, atendendo às imposições desse contexto.

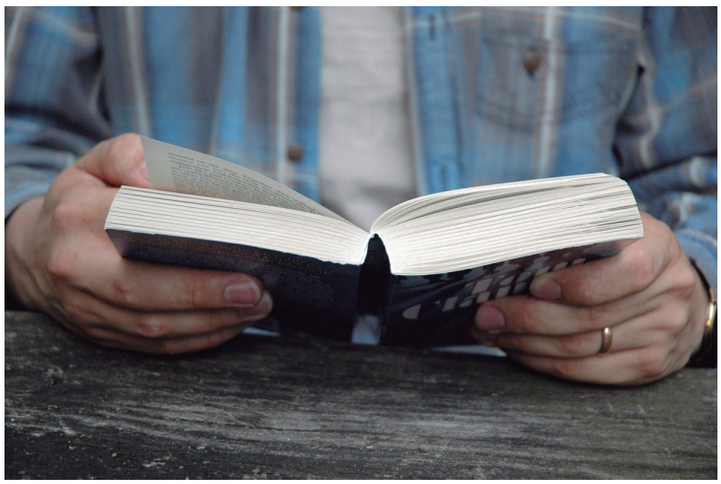
Estudantes de outras universidades, diferentes dos referidos anteriormente, que são apenas classificados entre os que se apresentam nos concursos vestibulares, e observada a área de estudos, apresentam dificuldade em se constituir como educandos com autonomia na busca de materiais de leitura de diferentes origens a serem

verbo-ago-2014.indd 26 07/08/2014 11:55:41

usados no processo de formação profissional. Ainda não são leitores. Não estão antenados para a busca de livros, periódicos científicos, ou mesmo outros materiais de leitura em diferentes suportes produzidos seja por editora comercial, seja por editora universitária ou em espaços eletrônicos como sites, blogs.... Não estão preocupados em buscar artigos científicos sobre determinado conteúdo, verificando o que tem sido publicado sobre determinado tema em diferentes perspectivas. Usam redes sociais para fins de recepção de informações e de comunicação com seus pares. Não estão preocupados em assumir posições significativas no processo de produção de novos conhecimentos nesses meios. Não assumem, em hipótese alguma a posição de *prossumidores*, nomenclatura empregada pela pesquisadora Lúcia Santaella para quem é, ao mesmo tempo, produtor e consumidor de conhecimento.

TIPOS DE LEITORES

Quando são abordadas questões de leitura no meio universitário , especialmente sobre a importância das publicações de editoras universitárias, faz-se necessário identificar quem é o público leitor dessas publicações, qual é o perfil dos leitores de diferentes áreas. Identificar os modos de ler, os modos de se aproximarem de materiais de leitura sugeridos em complexas listas bibliográficas apresentadas por professores de distintas áreas, responsáveis por uma variedade de disciplinas da grade curricular de um curso de bacharelado, licenciatura, faz parte do processo de sua formação. Há que se perguntar a cada um, a todos se conhecem a editora da instituição que escolheram para sua formação em nível superior, bem como o seu catálogo. Pergunta-se: O setor responsável pela avaliação institucional tem colocado entre as questões a serem avaliadas pelos alunos e pelos professores, preocupações com o envolvimento de uns e de outros com os produtos publicados pela editora de sua universidade? E de outras editoras universitárias? Constatam-se, em algumas disciplinas, sugestões de consultas a referências em geral, onde se encontram indicações de sites, portais, entre tantas outras. A posição mais cômoda e, muito equivocada, é pressupormos que os estudantes que ingressam nos cursos oferecidos por uma universidade são leitores. É necessário que o professor confira pela observação e pela interação dos alunos com materiais de leitura, se evidenciam práticas leitoras que integram suas práticas sociais.



Fonte: freeimages.com

Um posicionamento tradicional de avaliação do desempenho de leitura dos alunos poderia continuar a defender a ideia de que a leitura pressupõe um envolvimento do leitor com o livro, com uma revista, todos impressos, de forma solitária, silenciosa ,mas em profundidade. Este seria o primeiro representante de três tipos de público leitor: os leitores que são leitores porque desenvolvem uma leitura vertical, uma leitura individual de textos, profunda que pressupõe o envolvimento com textos literários canônicos, só para citar um exemplo. O segundo tipo de leitor representa o público de leitores em formação, que se envolve com autores cujas obras literárias estão em processo de consolidação, de validação pela crítica, pela participação e destaque em prêmios literários só para mencionar alguns critérios de seleção. O terceiro tipo de leitor é constituído por não-leitores que precisam ser estimulados a se envolver com algum material de leitura como as vozes de diferentes comunidades, as vozes das periferias .Não podemos deixar de referir os leitores contemporâneos, especialmente os jovens, que navegam em telas, entre telas, que utilizam equipamentos móveis, envolvendo-se paralelamente com diferentes focos temáticos, além das redes sociais com as quais interagem o tempo todo, caracterizando-se pelo desenvolvimento de uma leitura superficial, totalmente diferente do posicionamento tradicional. A contribuição de Santaella (2004) para a caracterização dos tipos de leitor é muito significativa para os estudos contemporâneos acerca da leitura: o leitor MEDITATIVO, que consegue se isolar para envolver-se com o conteúdo de um texto impresso, um livro, um jornal, uma revista. Ler sem falar nada, sem subvocalizar, sem pronunciar nenhuma palavra. O leitor MOVENTE que emerge do desenvolvimento das cidades, das mudanças nos espaços urbanos, nos ambientes, instigando-o a observar cada objeto, cada situação, cada cenário,

verbo-ago-2014.indd 27 07/08/2014 11:55:42

entre os quais as invenções, as transformações de comportamento, as formas de veicular as informações, de efetivar a comunicação, enchem seu olhar de novidades incontáveis.

O leitor IMERSIVO, que que navega numa tela, programando leituras, "num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis, contanto que não se perca a rota que leva a eles". (SANTAELLA, 2004, p.33). Caracteriza-se, basicamente, pela interação que promove com outros infonautas, sejam eles emissores ou receptores, num intercâmbio permanente de informações. E o leitor contemporâneo – UBÍQUO - que consegue estar, ao mesmo tempo, em diferentes lugares pelo uso de equipamentos de comunicação móvel – tablets, smartphones – os quais estão provocando mudanças comportamentais entre as pessoas e na sociedade em geral, especialmente pelo uso indiscriminado das redes sociais.

O entendimento dos diferentes tipos de leitor e as peculiaridades do leitor contemporâneo provocam indagações: Para que tipo de leitor devem se direcionar as práticas de leitura sugeridas por professores universitários? Qual é o perfil do leitor que integra o público das universidades, se considerado como receptor dos produtos desenvolvidos pelas editoras universitárias? O que tem se constatado é o fato de não serem os leitores de um tipo ou de outro apenas. A diversidade de materiais de leitura e de suportes ao lado da imprescindível leitura de linguagens artísticas e culturais impõe a criação de estratégias de integração de diferentes tipos de leitor na concretização de um leitor. Impõe-se, fortemente, o necessário destaque ao papel do leitor na significação dos materiais de leitura do impresso ao digital. Esse protagonismo precisa ser observado em todo o processo de formação de leitores bem como na indicação de materiais do impresso ao digital, produtos que são ou mesmo poderão ser feitos pelas editoras universitárias.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Prospectando horizontes mais largos para as editoras universitárias, devemos levar em conta, sem dúvida, que os avanços tecnológicos impõem à universidade a formação de universitários capazes de se transformar em profissionais competentes, curiosos, criativos. Precisam, por isso mesmo, incluir em seus estudos, em suas investigações, com ou sem a orientação de professores, consultas a materiais de leitura na abrangência do impresso ao digital, entre os quais merecem destaque produtos de editoras universitárias. Se estas conseguirem promover mais avanços não apenas na qualidade de seus produtos, na variedade de suportes para veiculá-los e na sua distribuição, a partir das características do leitor universitário contemporâneo, transformações mais rápidas ocorrerão nos índices de desempenho de leitura desse público, qualificando sua formação permanente.

A constatação de que precisamos percorrer novos caminhos para atingir as peculiaridades da Educação 3.0, desenvolvendo ações, novos comportamentos, ao planejarmos novas propostas de ensino e de aprendizagens colaborativas, interdisciplinares, além de produtos diferenciados é o novo desafio que precisamos enfrentar.

REFERÊNCIAS

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço*: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Leitor prossumidor:* desafios da ubiquidade para a educação. Ensino Superior Unicamp, nº 9, p. 19-28, Jun.2013. Disponível em:www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/artigos/desafios-da-ubiquidade-para-a-educacao.Acesso em: 30 de junho de 2014.

Disponível em: www.abeu.org.br. Acesso em: 30 de junho de 2014.

verbo-ago-2014.indd 28 07/08/2014 11:55:42

A condição expandida da leitura

Lucia Santaella[1]

fonte: portal27.com.br

Já no ano de 1980, antes que o computador tivesse se tornado peça obrigatória em nossos lares, e bem antes que, nas redes, a hipermídia tivessese tornado a linguagem do nosso tempo, em artigo publicado sob o título de "Lendo o problema da leitura" (SANTAELLA, 1980, p. 7), reclamava por uma re-leitura do conceito de leitura, ou seja, vencer o preconceito de que só estamos lendo quando temos linguagem escrita diante dos nossos olhos. Reivindicava, então, que somos também leitores de formas, volumes, direções de linhas, traços, cores etc. Somos ainda leitores de gráficos, imagens, sinais, setas, números, luzes.

> Ignorar isso é pretender que estejamos vivendo com os olhos vendados. Ora, a profusão de códigos, linguagens e mensagens, que nos circundam em cada instante e em cada canto do nosso cotidiano, está criando novas formas e estruturas de pensamento, outros modos de ver-apalpar o mundo. Ao invés de vermos esses outros processos de leitura como inimigos viscerais da linguagem verbal, creio que teríamos de buscar enxergar as possíveis riquezas de seus entrecruzamentos (ibid., p. 7).

[1] Lucia Santaella é pesquisadora 1 A do CNPq, graduada em Letras Português e Inglês. Professora titular no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUCSP, com doutoramento em Teoria Literária na PUCSP em 1973 e Livre-Docência em Ciências da Comunicação na ECA/USP em 1993. É Coordenadora da Pós-graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Diretora do CIMID, Centro de Investigação em Mídias Digitais e Coordenadora do Centro de Estudos Peirceanos, na PUCSP. Suas áreas mais recentes de pesquisa são: Comunicação, Semiótica Cognitiva e Computacional, Estéticas Tecnológicas e Filosofia e Metodologia da Ciência.

verbo-ago-2014.indd 29 07/08/2014 11:55:43

De lá para dá, o tempo foi me dando cada vez mais razão. O computador se tornou um meio de comunicação planetário pelo qual circulam signos híbridos, miscigenados, misturas entre o verbal, oral e escrito, o visual, em todas as suas formas, inclusive animadas, como nos vídeos, e sonoro, também nas variadas formas que vão do ruído à música.

Em 2003, desenvolvi uma pesquisa, publicada em 2004, que teve início com uma tentativa de sistematização dos diferentes modos de ler. Esses são muitos, mas consegui sintetizá-los em três modalidades que pareciam ter o poder de englobar as diferenças. Agrupei, assim, os tipos de leitores em: contemplativo, movente e imersivo.

O LEITOR CONTEMPLATIVO

Esse é o leitor do texto impresso cuja prática acompanhou a histórica do livro, prática esta que foi se tornando cada vez mais frequente a partir do século XVI e que se caracteriza pela leitura silenciosa, individual e solitária. Cria-se assim uma relação íntima entre o leitor e o livro. Paradoxalmente, tem-se aí uma relação de proximidade e de distância ao mesmo tempo, pois a leitura exige a reclusão para a concentração mental, mas exige também o desenvolvimento da capacidade de vivenciar situações e compartilhar pensamentos sem a necessidade da presença física naquilo que o texto evoca.

Do século XVI ao XIX, livros, enciclopédias e dicionários foram soberanos como meios privilegiados e quase exclusivos de transmissão do conhecimento, da literatura, das belas letras e da cultura em geral. Graças a eles, as universidades europeias floresceram. Entretanto, sob efeito da revolução industrial e das novas máquinas de produção de linguagem que ela trouxe, a fotografia, o telégrafo e as rotatórias, essa soberania começou a sofrer a concorrência do jornal. A cultura livresca passou, daí para frente, a conviver não só com o jornal, mas também com a explosão das imagens em movimento no cinema. É nesse novo ambiente que nasceu aquilo que chamo de leitor movente.

O LEITOR MOVENTE

O leitor do jornal e o espectador do cinema estão longe de ter o mesmo perfil cognitivo do leitor contemplativo. Trata-se de um novo perfil cujo ritmo de percepção e atenção mudou de marcha, adaptada à aceleração e burburinho dos grandes centros urbanos. O que se tem aí é um novo tipo de leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidades desiguais, leitor apressado da linguagem efêmera, híbrida, misturada que o jornal inaugurou, levando consigo um leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil.

Há uma isomorfia entre o modo como esse leitor se move na grande cidade, no movimento do trem, do bonde, dos ônibus e do carro e o movimento das câmeras de cinema. Um olhar retrospectivo nos releva que esse leitor movente foi preparando a sensibilidade perceptiva humana para o surgimento do leitor imersivo, que navega entre os nós e conexões alineares dos espaços informacionais da internet.

O LEITOR IMERSIVO

Esse é o tipo de leitor cujo perfil se define como aquele que pratica estratégias de navegação pelas redes informacionais, ou melhor, pelas “arquiteturas líquidas do ciberespaço” (para usarmos a feliz expressão de Marcos Novac), estratégias que, no livro *Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo* (SANTAELLA, 2004) classifiquei de acordo com três categorias: a do navegador adivinho, a do detetive e a do previdente. Assim, o navegador adivinho é aquele que navega em estado de errância, perambula meio sem rumo pelas redes, fazendo descobertas e se alegrando com elas. O detetive é aquele que segue as pistas de que as redes estão prenhes. Por fim, o previdente é aquele que já conhece todas as manhas do jogo.

Esses três tipos de estratégias de navegação não são excludentes. O previdente pode muito bem, em alguns momentos, desempenhar o papel do adivinho ou do detetive. Este, como um bom detetive, em pouco tempo, torna-se um expert em seguir pistas e o adivinho, em algumas ocasiões, desempenha-se tão bem quanto um previdente. Da mesma maneira, os três tipos de leitores -- contemplativo, movente e imersivo – também coexistem, complementam-se e se completam. Entretanto, em um curto espaço de tempo, graças aos equipamentos móveis, portáteis que disponibilizam as redes informacionais na palma de nossas mãos, em qualquer lugar que estejamos, surgiu um quarto tipo de leitor que batizei de leitor ubíquo que nasce do cruzamento e mistura das características do leitor movente com o leitor imersivo.

O LEITOR UBÍQUO

É ubíquo porque está continuamente situado nas interfaces de duas presenças simultâneas, a física e a virtual, interfaces que reinventam o corpo a

verbo-ago-2014.indd 30 07/08/2014 11:55:43

arquitetura, o uso do espaço urbano e as relações complexas nas formas de habitar, o que repercute nas esferas de trabalho, de entretenimento, nas esferas de serviços, de mercado, de acesso e troca de informação, de transmissão de conhecimento e de aprendizado. De fato, com esse tipo de leitor, nasce aquilo que chamo de aprendizagem ubíqua (SANTAELLA, 2013, p. 285-308).

A complementaridade entre os quatro tipos de leitores

Tenho defendido com veemência que um tipo de leitor não substitui o outro. São perfis cognitivos distintos que cada um deles desenvolve, de modo que esses tipos de leitores devem ser muito mais complementares do que excludentes. Recentemente, encontrei declarações de Martin-Barbero (2014, p. 51-52) que, sob o título de "pluralização das leituras", vão exatamente à mesma direção daquilo que tenho reivindicado. Quando duas pessoas chegam a conclusões similares, sem que tenham sabido uma da outra, há alguma probabilidade de que estejam perto da verdade.

REFERÊNCIAS

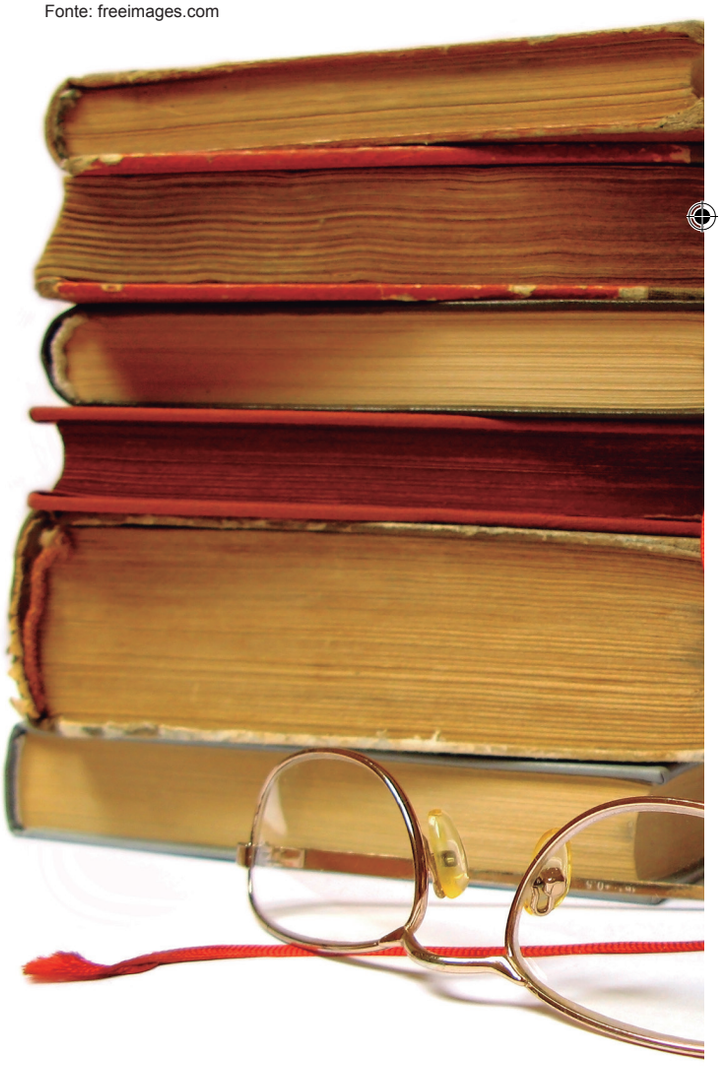
Martin-Barbero, Jesus. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto,2014.

Santaella, Lucia (1980). Relendo o problema da leitura. *Cadernos Puc*, n. 8, 1980, p. 3-10.

_____ . *Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus,2004.

_____ . *Comunicação ubíqua. Repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

Fonte: freeimages.com



verbo-ago-2014.indd 31 07/08/2014 11:55:44

O papel das editoras universitárias na formação do sujeito/autor

Maria Cristina Comunian Ferraz[1]

INTRODUÇÃO

Todo aquele que empreender uma atividade educativa voltada à disseminação da cultura da proteção do trabalho intelectual no Brasil irá deparar com vários problemas que aparentemente surgem devido ao mau uso dos mecanismos de proteção. Contudo, não raro, esses problemas têm origem em outras esferas. Para iniciar as reflexões que esse texto pretende apresentar, cabe, como inspiração, uma frase do grande educador Paulo Freire: "para mim, não há assuntos encerrados" (FREIRE, 2011a, p.49). Portanto, esse trabalho pretende retomar um assunto que muitos outros textos já trataram: a formação do sujeito/autor e os direitos de propriedade.

Questões relacionadas à proteção do trabalho intelectual são sempre muito complexas. O sistema brasileiro, ancorado em diversos acordos internacionais, protege direitos relativos à propriedade industrial, como patentes e marcas (FERRAZ; BASSO, 2008); e direitos relacionados às chamadas *criações do espírito*, tratadas pela lei de direito de autor (BRASIL, 1998). A Lei de Direitos Autorais, em seu art. 7º declara que "são obras intelectuais protegidas as criações do espírito, expressas por qualquer meio ou fixadas em qualquer suporte, tangível ou intangível, conhecido ou que se invente no futuro". Dentre as criações de espírito, destacam-se textos de obras literárias, artísticas ou científicas. Aparentemente, se olharmos somente a questão da autoria sob a ótica da lei, qualquer um poderia ser autor, ter sua obra publicada e seus direitos respeitados. Mas isso nem sempre é verdade.

Novas dúvidas surgem quando se tem a possibilidade de trabalhar com alunos provenientes de comunidades tradicionais, onde a propriedade coletiva realmente existe. Quem realizar tão difícil e rica atividade educativa, com certeza, terá motivos suficientes para duvidar do que estudou, no passado, sobre História do Brasil. E seguramente fará para si a seguinte pergunta: será que todos poderão, um dia, contar o seu lado da história?

O presente texto destaca que não basta haver uma lei que garanta os direitos do autor para que seja garantido a todos o direito de ser autor. Pretende modestamente levantar duas questões que impedem vários autores de existirem como tal e apresentar a universidade, e seus espaços de criação, como um ambiente propício para

[1] Maria Cristina Comunian Ferraz é doutora em Ciências e especialista em Administração e Análise de Negócios. Seu principal tema de interesse em atividades de ensino, pesquisa e extensão reside na gestão da ciência e da tecnologia das comunidades locais, em especial, na proteção e valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas brasileiros. Atualmente, é tutora do Grupo PET/Saberes Indígenas, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações e Sistemas Públicos e membro do Conselho Universitário da UFSCar. E-mail:cristina@ufscar.br

verbo-ago-2014.indd 32 07/08/2014 11:55:44

a construção do sujeito/autor.

LER E ESCREVER

Primeiramente, é importante apontar a problemática do *ler e escrever,* muito bem tratada por diversos autores. Silva (2008, p. 362) volta seu olhar para a escola que "com suas pseudo-atividades de leitura não reflexiva e desconectada com a vida, cassou a autoridade do leitor/produtor de textos". Gnerre, por sua vez, nos alerta que "escrever nunca foi e nunca vai ser a mesma coisa que falar" (1998, p. 8) e Paulo Freire nos lembra de que a "leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra", destacando que a leitura da palavra implica a continuidade da leitura do mundo (FREIRE, 2011a, p. 29).

E nesse contexto, a escrita científica é particularmente problemática, principalmente no que tange à visibilidade/invisibilidade do autor. Como bem menciona Boaventura de Sousa Santos:

> A ciência moderna é uma forma de saber que se afirma desencantada e desapaixonada. Os métodos de distanciação – conceitos frios, retórica não-retórica, literalização das metáforas, atitudes antipsicacógicas, supressão da biografia – encontram-se entre as principais estratégias argumentativas subjacentes ao desencantamento que alegadamente garante a reprodução do dualismo sujeito/objecto. (SANTOS, 2011, p. 114)

O SUJEITO/AUTOR

Uma segunda questão que o presente texto pode apontar como impedimento para se existir como autor, dentre inúmeras outras, é a impossibilidade de existir como sujeito. Paulo Freire, em sua vasta obra, descreve muito bem a relação dominador-dominado (FREIRE, 2011b; 2011c; 2011d). Menciona a importância dos grupos populares produzirem seus próprios textos e a grande dificuldade que eles encontram para atingir esse propósito, principalmente pelo fato de não poderem existir como indivíduos autônomos.

No caso das questões indígenas, muito do que se escreveu nos relatos de viagens (CRISTÓVÃO, 2002) produzidos por europeus no início da ocupação do Brasil - destacando-se Gandavo (1980), Colombo (1984), Caminha (2012), dentre inúmeros outros - ainda permanece na memória de várias pessoas, por mais que isso pareça, a princípio, impossível. Talvez esteja na hora de segmentos excluídos de nossa sociedade contarem a sua versão da História do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe salientar, por fim, que existem vários outros obstáculos no caminho de construção do sujeito/autor. Em contrapartida existem diversos espaços criadores que podem encorajar homens e mulheres a superar as dificuldades encontradas. Dentre esses ambientes acolhedores, encontram-se diversas Editoras Universitárias.

Através do estímulo à produção regional, do incentivo a novos autores, da criação de publicações especialmente destinadas à população economicamente excluída, autores que nunca puderam existir como tal podem relatar os seus sonhos e a sua visão de mundo através de publicações produzidas por Editoras Universitárias. Nesses espaços onde o multiculturalismo realmente é respeitado, novos autores reescrevem a história de uma nação que foi construída por eles e por muitos outros, nem sempre considerados autores dessa grande obra coletiva.

Fonte: freeimages.com

verbo-ago-2014.indd 33 07/08/2014 11:55:46

REFERÊNCIAS

BRASIL, 1998. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais.

CAMINHA, P. V. *Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

COLOMBO, C. *Diários da Descoberta da América*: as quatro viagens e o testamento. Porto Alegre: L&PM, 1984.

CRISTÓVÃO, F. (org.). *Condicionantes culturais da literatura de viagens.* Coimbra: Almedina, 2002.

FERRAZ, M. C. C.; BASSO, H. C. *Propriedade intelectual e conhecimento tradicional*. São Carlos: EDUFSCar, 2008.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011a.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

_____. *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2011c.

_____.*Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011d.

GANDAVO, P. M. *Tratado da Terra do Brasil*.História da Província Santa Cruz. São Paulo: EdUSP/Itatiaia, 1980.

GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente*: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, O. S. F. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade? *Revista Brasileira de Educação*, v. 13. n. 38, maio/ago. 2008.

verbo-ago-2014.indd 34 07/08/2014 11:55:48

Fonte: jornalnossotempo.com.br

verbo-ago-2014.indd 35 07/08/2014 11:55:54

Do códice ao cóccix: Anatomia do livro na pós-modernidade

Wellington Pereira[1]

INTRODUÇÃO

O livro, guardando as devidas proporções, tem sido a nossa caverna de Platão nesses mais de dois mil anos de Civilização Cristã e desde que os impérios foram engolidos por outros impérios, por formas aritméticas, geométricas em exercícios estéticos das artes de expressar a natureza e de Deuses governarem homens, as religiões; e homens governarem homens, a política.

Uma caverna de Platão aberta do exterior ao interior e deste àquele, mas cujo sol gera sombras de acordo com o imaginário de cada povo e da imaginação individual de cada um. Assim, é o livro: o arquétipo de todas as culturas que dominam a escrita, mas também um "halo" capaz de registrar as vozes de povos ágrafos, pois aos letrados foi dado o poder de registrar as essências das línguas não materializáveis.

O livro enquanto objeto material pode ser identificado em vários momentos históricos com as nuanças de uma determinada civilização, desde os hábitos até os exercícios da prolepse (antecipações) das ideias que determinam a cultura do senso comum, mas que acabam sempre codificadas pela epistème – a cultural teórica. Mas é a ideia do livro, e não sua materialidade, que engrandece uma nação, pois um povo sem livros ainda é considerado bárbaro.

Neste pequeno ensaio, vamos discutir não o objeto livro – em sua materialidade, mas o livro enquanto essência de uma forma que materializa outras formas. Ou seja, o livro é pensado, aqui, como anatomia dos saberes que vão do códice (modelo ocidental do livro) ao cóccix (raiz da anatomia humana). Assim, vamos pensar o livro da materialidade às ramificações nervosas, o que implica em conexões com vários formatos, mas sobretudo pensando na imortalidade da substância livro.

O QUE É UM LIVRO?

Parodiando Santo Agostinho, em *Confissões*[2], digo que: se ninguém me pergunta, eu sei; porém, se quero explicá-lo a quem me pergunta, então não sei o que é um livro. A essa dificuldade em definir o que seja o livro podemos acrescentar a nossa condição de homens na pós-modernidade, na qual as formas do arcaico e do

[1] Wellington Pereira é Doutor em Sociologia pela Université Paris V- Sorbonne. Professor do Departamento de Mídias Digitais da Universidade Federal da Paraíba e coordena o Grupecj - Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo. Atualmente, orienta nas pós-graduações em Sociologia e Comunicação. É autor de *Crônica: arte do útil e do fútil* , entre outras publicações.

[2] Santo Agostinho, em *Confissões*, página 342, usa o mesmo enunciado para demonstrar a dificuldade em conceituar o tempo.

verbo-ago-2014.indd 36 07/08/2014 11:55:54

moderno se somam e constroem novas geometrias na velocidade das difusões midiáticas. Portanto, o livro se amplia, se conecta e se faz conectar por outras escritas, conservando-o a sua estrutura anatômica primária, como: encadernação, capa, título, capítulos, número de páginas; e sua razão social, o autor.

A anatomia do códice parece nos ajudar na identificação do livro em meio a tantas máquinas de leituras ou mesmo a estabelecer uma genealogia do que é considerado inerente aos livros na pós-modernidade. Mas uma coisa é certa: o livro ainda não deixou de ser propriedade, de pertence, pelo menos para Kant, ao campo do Direito privado:

> Um livro é um escrito (não importa aqui se manuscrito ou impresso, se com poucas ou muitas páginas) que representa um discurso dirigido por alguém ao público, mediante signos linguísticos visíveis. Dá-se o nome de autor (autor) àquele que fala ao público em seu próprio nome. Aquele que, através de um escrito, discursa publicamente em nome de outrem (do autor) é o editor. Quando o editor o faz com a permissão do autor, ele é um editor legítimo; mas se o faz sem a permissão do autor, é um editor ilegítimo, ou seja, é um editor não autorizado. A soma de todas as cópias do escrito original (exemplares) é uma edição. (KANT, 2002, p.134)

O conceito de livro ensejado por Kant nos leva a pensar nas formas de produção de registros das linguagens e imaginários sociais através de um suporte técnico material – o códice – mas as relações de trabalho que implicam no reconhecimento social do autor, do editor, dos impressores e da legalidade ou não dos direitos autorais e sua comercialização.

Kant coloca o livro no rol das propriedades adquiridas mediante contrato. Ora, o livro é uma propriedade que se renova na produção do Capital a partir de dois princípios básica: 1) valor simbólico; 2) valor material.

No tocante ao valor simbólico, o livro é obra de um autor que, como explicita Kant, fala ao público. Esse discurso do autoral se constitui numa "colheita" dos signos da cultura de seu povo e "reestabelecido" ao público através de gêneros narrativos – que sejam de ordem poética, científica ou legislativa. Assim, para além da materialidade, o livro constitui um latifúndio de significados religiosos ou políticos doutrinários. É uma propriedade imaginativa, mas também argumentativa, com registro de suas medições semânticas.

Com relação ao valor material, o livro não pode prescindir de um registro social, pois, como a terra e as milhas marítimas, livros pertencem a povos que são governados por diferentes formas religiosas e políticos. A esse registro social do livro chamamos ISBN.

O ISBN

Com codificador e decodificador de sociedade, o livro precisa de um registro que lhe garanta autenticidade ou aceitação nas complexas interpretações socioculturais. Este sistema de identificação de livros é o ISBN: "O ISBN –International Standard Book Number – é um sistema internacional padronizado de numeração e identificação de títulos de livros em uma determinada edição, aplicável também a softwares e livros eletrônicos". (FBN,2012,p.11).

A citação do *ISBN: manual do editor* reforça a ideia que o livro é uma propriedade mesmo que não depende da materialidade para ser comercializado, mas não pode prescindir do registro de propriedade. Assim, em termos de produção e reprodução de saberes, o valor do livro na pós-modernidade corresponde aos valores do códice; tanto do ponto de vista dos sistemas de controle das sociedades quanto das perspectivas de ascensão social.

O livro ainda está ligado diretamente à privatização dos saberes e à instrumentalização da ciência. Portanto, do ponto de vista da propriedade, livros têm o mesmo registro que quaisquer propriedades privadas.

A nossa provocação ensaística é pensar que o valor socioeconômico do livro não está mais na sua materialidade, nas características enumeradas por Kant, ou mesmo na passagem de um suporte ao outro, do sistema gráfico ao digital, porque ambos estão inseridos em modelos mercadológicos.

DA ESSÊNCIA IMATERIAL DO LIVRO

O aspecto mais importante no que concerne nossa discussão neste ensaio é demonstrar que a morte anunciada do livro em relação a outros suportes, sobretudo os eletrônicos, não tem sustentação filosófica (ou até mesmo na teologia do capitalismo enquanto religião), pois nada substitui a substância Livro – em sua concepção sociocultural de guardiã do conhecimento do imaginário sociocultural dos povos, o que ultrapassa os limites da técnica enquanto razão utilitária.

verbo-ago-2014.indd 37 07/08/2014 11:55:54

Ao pensar o livro com Substância livro, retiramos o peso da materialidade do códice e mesmo dos suportes físico-eletrônicos criados para a leitura de livros digitais. Isso nos leva à reflexão de Vilém Flusser sobre as dicotomias entre mundo matéria e imaterial no tocante à codificação do mundo:

> "Retomemos a oposição 'matéria-forma', isto é, 'conteúdo-continente'. A ideia básica é essa: se vejo alguma coisa, uma mesa, por exemplo, o que vejo é a madeira em forma de mesa. É verdade que essa madeira é dura(eu tropeço nela), mais sei que perecerá (será queimada e decomposta em cinzas amorfas). Apesar disso, a forma 'mesa' é eterna, pois posso imaginá-la quando e onde eu estiver (posso colocá-la ante minha visada teórica). Por isso a forma 'mesa' é real e o conteúdo 'mesa' (a madeira) é apenas aparente(...)".(FLUSSER,2007,p.26)

A universalidade da forma de Flusser é extensiva à preocupação de Espinosa(*Cf.*RAMOND,2010,p.36) em demonstrar que a essência de uma coisa é a sua natureza. Desta forma, podemos pensar que, na pós-modernidade, o livro é Substância (essência ou forma) é universal, pois se configurou, em princípio, numa metafísica da Arte de ler, capaz de recriar novas extensões do mundo psíquico humano interior ao mundo da vida interior e exterior das sociedades.

Fonte: palavraria.files.wordpress.com

O LIVRO PÓS-MODERNO COMO EXTENSÃO DO CÓCCIX (À GUISA DE CONCLUSÃO)

O cóccix, como osso responsável pela fusão das membranas na fase adulta do homem tem algo semelhante à evolução do códice enquanto formato milenar do livro: a Substância livro na pós-modernidade parte da essência ou substância – sem ignorar os continentes físicos – para, na utilização de bases materiais, conectar sistemas nervosos que atuam na movimentação – difusão e trocas – de formas de conhecimento.

Há uma boa implicação para pensar que as tecnologias não podem dispensar estruturas de sustentação físicas do conhecimento (códices, e-books etc.), mas esse cóccix, que une membranas, depende das aberturas da matéria (hipertextos, vídeos, sonoridades, discursos verbais e analógicos) a outras formas discursivas externas.

Portanto, o livro pós-moderno é a extensão do mundo subjetivo ao mundo objetivo, mas sempre revigorado nas transações intersubjetivas entre os imaginários produzidos pelos povos e as tecnologias político-comerciais dos estados técnico-urbanos.

REFERÊNCIAS

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado*. Por uma filosofia do design e da comunicação, São Paulo: Cosacnaify, 2007.

KANT, Imanuel. *A metafísica dos costumes*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP,2002, 134.

FBN. *ISBN:* manual do editor. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2012.

RAMOND, Charles. *Vocabulário de Espinosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

verbo-ago-2014.indd 38 07/08/2014 11:55:57

Publicações universitárias e a apropriação do conhecimento científico[1]

Karina Klinke[2]

Ninguém supre de fato as expectativas do leitor, muito menos a expectativa do ouvinte. Entre autor e leitor, palestrante e plateia o que se estabelece são diálogos, muitas vezes silenciosos, mas cúmplices. É deste lugar do discurso que falamos aqui. Mais acostumados com as práticas acadêmicas, propomos neste ensaio o exercício de dialogar com as editoras universitárias. Isto é bastante conflituoso para quem pesquisa história da leitura, porque muitas vezes falamos e escrevemos problematizando os papeis sociais que as editoras assumem perante o público leitor. Entretanto, dificilmente nos referimos às editoras universitárias, porque nossas pesquisas giram em torno do comércio livreiro e, em nosso caso particular, costumamos questionar como o mercado editorial, juntamente com a escolarização da leitura, interferiu e interfere definitivamente no que crianças, jovens e adultos leem.

Escolhemos, então, diante do que nos foi solicitado, dialogar sobre como os livros publicados e sua promoção contribuem ou não para a apropriação social do conhecimento. Como professora e pesquisadora universitária acreditamos que podemos dizer algo às editoras sobre como este conhecimento é apropriado tanto nas atividades de graduação – ensino, pesquisa e extensão – quanto de pós-graduação e demais atividades acadêmicas.

Durante a graduação, em alguns casos também na pós-graduação, poucos alunos leem livros, sejam emprestados das bibliotecas ou comprados em livrarias, pois a maioria tem acesso fácil à fotocópia, outro mercado que se expandiu no meio acadêmico. Consideramos isso um problema tanto para a prática da leitura, como para a apropriação do conhecimento, quanto para as editoras. A leitura de livros fotocopiados limita o leitor de ter acesso ao corpo da obra, pois ficam restringidos a partes de um trabalho muito mais abrangente, tanto pelo ofício de autoria quanto de editoração. As informações contidas nas capas, na folha de rosto, no Sumário, no Prólogo, na Introdução, no Apêndice, no Índice, no Posfácio e em outras partes do impresso não fotocopiadas, são perdidas nesta prática. Então, o conhecimento é apropriado de forma fragmentada. As editoras, por sua vez, têm uma venda limitada, o que acresce ainda mais no preço do impresso, que poderia ser mais baixo se a escala de produção fosse maior.

Nos últimos dez ou quinze anos, os alunos de cursos superiores e pós-graduação, têm acesso também a outras fontes de leitura disponíveis em bibliotecas eletrônicas. Isto alterou significativamente a apropriação do conhecimento, mesmo porque

[1] Trabalho apresentado por ocasião da XXVII REUNIÃO ANUAL DA ABEU, em Campina Grande/PB, ocorrido entre 7 e 9 de maio de 2014.

[2] Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Pós-doutorado em História Moderna e Contemporânea pela Unicamp (2009). Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003).

verbo-ago-2014.indd 39 07/08/2014 11:55:57

hoje, se os pesquisadores de Iniciação Científica, mestrado ou doutorado não apresentarem uma revisão bibliográfica que inclua os textos disponíveis por meio digital, têm o seu trabalho desqualificado. Até a década de 1990 no Brasil, os pesquisadores concentravam suas revisões bibliográficas em impressos, disponíveis apenas em bibliotecas públicas, livrarias e editoras, por isso podiam justificar o não acesso a esses suportes devido às distâncias. Hoje, essa justificativa é inócua.

Neste contexto, questionamos: o que significa hoje o acadêmico se apropriar ou não de um conhecimento? Quais conhecimentos são de interesse deste público? Onde estão essas fontes?

Em busca de respostas, apresentamos aqui alguns resultados de pesquisas que desenvolvemos sobre a "História da Leitura na Educação no Brasil", que trata não somente da leitura escolarizada, mas traz a perspectiva de uma "educação para ler", discurso recorrente na história do País. Este discurso é encontrado em artigos e livros nacionais desde o final do século XIX, com destaque às considerações de Rui Barbosa, ao afirmar que o Brasil só iria construir uma República, com leitores.(BARBOSA, 1886) Discurso que vem se repetindo em projetos e programas de governo ou em conclusões de pesquisas científicas.

Por isso, buscamos "conhecer os campos de saber que foram abordados em pesquisas sobre leitura publicadas entre 1990 e 2010." A pergunta dirigida aos trabalhos apresentados e artigos publicados foi: "as pesquisas sobre leitura no Brasil se fundamentam em quais campos de saber? Então, que tipo de pesquisa fazemos? Para atender a quais interesses? A metodologia utilizada consistiu em levantamentos e análise de trabalhos apresentados em congressos qualificados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ocorridos no Brasil (KLINKE,2012) e em artigos científicos publicados na *Scientifc Eletronic Library Online* (*Scielo*).[3]

[3] Relatório de Iniciação Científica da bolsista Fernanda Alves da Silva, orientado pela autora deste ensaio em 2012.

QUADRO 1 : Total de trabalhos sobre História da Leitura e/ou da Escrita apresentados em Congressos no Brasil (1998-2009)

CONGRESSOS	Nº TRABALHOS	%
I Congresso de História da Leitura e do Livro no Brasil (1998)	74	17,8
II Congresso de História da Leitura e do Livro no Brasil (2003)	71	16,9
SUB-TOTAL COHILILE	**145**	**34,8**
I Seminário sobre Educação e História (14ºCOLE, 2003)	11	2,6
II Seminário sobre Educação e História (15ºCOLE, 2005)	20	4,7
III Seminário "Leitura, Escola, História" (16ºCOLE, 2007)	28	6,6
Eixo "Leitura, Escola e História" (17ºCOLE, 2009)	81	19,3
SUB-TOTAL COLE	**140**	**33,6**
23ª ANPEd (2000)	01	0,24
24ª ANPEd (2001)	02	0,46
25ª ANPEd (2002)	02	0,46
26ª ANPEd (2003)	04	0,96
27ª ANPEd (2004)	00	0
28ª ANPEd (2005)	03	0,72
29ª ANPEd (2006)	01	0,24
30ª ANPEd (2007)	04	0,96
31ª ANPEd (2008)	01	0,24
32ª ANPEd (2009)	03	0,72
SUB-TOTAL ANPEd	**20**	**4,8**
I CBHE (2000)	17	4,1
II CBHE (2002)	16	3,9
III CBHE (2004)	24	5,8
IV CBHE (2006)	24	5,8
V CBHE (2008)	31	7,5
SUB-TOTAL CBHE	**112**	**26,8**
TOTAL	**417**	**100**

Fonte: giacomodegani.com.br/

verbo-ago-2014.indd 40 07/08/2014 11:55:58

Sobre os congressos, delimitamos o período entre o primeiro congresso brasileiro voltado exclusivamente para a História da Leitura e do Livro no Brasil (I CBHLLB, 1998), por ser o primeiro canalizador de pesquisas sobre História, Leitura e Livro. Perpassamos por quatro Congressos de Leitura (COLE) no período, que apresentam na alteração do nome de um de seus seminários, que trazia trabalhos sobre leitura, o resultado de mudanças sobre o que era pesquisado: passagem do Seminário intitulado "Educação e História" para "Educação, Leitura e História". Esta mudança é muito significativa, porque demostra abarcar a leitura como objeto de pesquisas da História da Educação. Agregamos também 15 congressos de Educação (ANPEd, CBHE), visto que a maioria dos trabalhos publicados sobre a leitura e o livro estão concentrados no campo da Educação. Advém daí nossa constatação de que a maioria das pesquisadas têm os escolares como sujeitos leitores e espaços de leitura.

Neste montante de 417 trabalhos apresentados durante 10 anos de congressos, problematizamos como os objetos "leitura" e "livro" foram abordados. Observamos que 312 deles tratam especificamente da leitura escolar, embora com enfoques diferenciados:

QUADRO 2: Objetos de estudo dos artigos dos congressos que têm a escolarização como lócus

TEMAS	Quantidade
Livro	84
Leitura	58
Escolarização	39
Autores	34
Literatura	23
Imprensa	15
Periódicos	11
Leitores	11
Acervo	8
OUTROS	29
TOTAL	**312**

Fonte: KLINKE (2012, p.27)

Os dados mostram que aproximadamente 75% dos trabalhos apresentados tratam especificamente da escolarização da leitura e do livro. Já os artigos publicados em periódicos da *Scielo*, entre 1990 e 2010, somam 202, assim distribuídos:

QUADRO 3: Artigos por palavra-chave nos periódicos pesquisados

REVISTAS	Números de artigos encontrados com as Palavras-chave:		
	LEITURA	LITERATURA	HISTORIA DA LEITURA
Cadernos CEDES	10	05	00
Cadernos PAGU	01	09	00
Cadernos de Pesquisa	07	04	00
Ciências e Educação	04	02	00
Educar em Revista	12	01	00
Educação e Sociedade	09	03	01
Educação e Pesquisa	10	07	00
Educação em Revista	06	02	00
Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação	03	00	00
Estudos Históricos (Rio de Janeiro)	00	02	00

Fonte: ALVES; KLINKE (2014, p.10)

verbo-ago-2014.indd 41 07/08/2014 11:55:59

Cruzados os dados dos trabalhos apresentados em congressos no Brasil e os artigos publicados na Scielo no período temos como principais categorias de análise:

- Análise de obras literárias (Gêneros);
- Análise de livros didáticos e Cartilhas;
- Análise no campo psicológico (parte cognitiva desenvolvida pela leitura e a escrita);
- Análise de programas nacionais de incentivo à leitura;
- Como realizar (e é realizada) a leitura em áreas específicas (História, Ciências, Biologia, etc.);
- A leitura como um artefato de obrigatoriedade na escolarização.

Nossa hipótese, a partir da quantidade de pesquisas que tratam especificamente da leitura e do livro no espaço escolar, é de que este é um espaço garantido de leitura. O que não quer dizer que as pessoas leiam livros apenas quando frequentam a escola. Há poucas pesquisas, entretanto, que tratam de leituras praticadas fora dela, como as historiográficas que apresentam escravos leitores, mulheres que liam em espaços privados e, mais recentemente, de catadores que leem impressos encontrados no lixo, dentre outros.

Quanto à leitura literária há outro panorama, pois tanto na Educação Básica como no Ensino Superior, este gênero é tipicamente considerado como "secundário", exceto nos cursos de Letras. Nos demais cursos superiores dificilmente a esse gênero é solicitado. Então, sabemos que existem práticas de leitura diversificadas em diferentes espaços, o difícil é ter acesso a esses leitores, mesmo porque no senso comum as pessoas não se consideram leitoras quando não leem as obras avaliadas como "clássicas" pela crítica, ou seja, os cânones literários. Essas afirmam, então, não serem leitoras. Mais uma dificuldade para encontrá-las, a falta de reconhecimento, vinculada a conceitos e categorias de análise.

Para suprir esta necessidade de conhecer tamanha multiplicidade de leitores seria necessário espalhar pesquisadores pelo país para saber onde aqueles se encontram e como lidam com sua prática. Há algumas iniciativas neste sentido, como as pesquisas e os projetos desenvolvidos pela Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, pelo Instituto Pró-Livro, pelo Instituto Ecofuturo, pela Associação Brasileira de Difusão do Livro, pela Associação Brasileira de Leitura, dentre outras. Todavia, apesar das estatísticas alcançadas, ampliamos as perguntas e ainda temos poucas respostas de cunho qualitativo. Então, permanece o questionamento: quem é o leitor? O que ele escolhe ler? Como ele se apropria da leitura? Como adquire o conhecimento? Isto as pesquisas respondem parcialmente.

Verifica-se, com isso, que ainda há muito a ser pesquisado, pois para responder a essas perguntas é preciso conhecer o quê e como se lê, como são feitas as escolhas, o que envolve entrar em contato com a subjetividade do sujeito. Outro complicador é que geralmente os relatos de experiências de leitura são carregados de emoção, o que demanda, além da disponibilidade de tempo dos sujeitos, a técnica da entrevista, o trabalho da transcrição e da interpretação, sendo esse último o maior ofício. Esta produção científica sofre, então, com a falta de pesquisadores suficientes para abarcar um maior número de sujeitos, espalhados por espaços diversos. Fazem-se necessários também financiamentos de médio e longo prazo, porque os resultados dessa tarefa geralmente vão muito além do planejado. Efeito disso é a objetivação dos resultados, o que faz com que fiquem mais frágeis do que o desejado. É também por isso que as pesquisas não têm dado conta de uma das grandes angústias do conhecimento sobre as práticas de leitura: entender o que os leitores precisam, o que eles desejam, apesar dos esforços já empreendidos.

Como as expectativas das leituras escolares são de mais fácil acesso, principalmente do ponto de vista de quem indica as leituras, temos um número maior de investigações cujo objeto são as práticas escolares. Sendo assim, há maior possibilidade de conhecimento sobre as leituras indicadas, os motivos destas indicações e os protocolos dessas leituras. Nesse sentido, procuramos saber quais campos do conhecimento fundamentam as pesquisas sobre leituras escolares e chegamos ao seguinte panorama:

Os trabalhos apresentados em congressos científicos que serviram de fonte para este levantamento são de autores acadêmicos, em sua maioria mestres e doutores. Utilizam-se, pois, como referência bibliográfica, publicações que contribuem para a fundamentação teórico-metodológica de seus trabalhos e estudos similares ao seu objeto de pesquisa, o que aquece o mercado consumidor das editoras universitárias. Os grandes responsáveis pela constituição deste referencial são, portanto, as indicações de leitura contidas nos planos de disciplinas e nos comentários das aulas dos cursos

verbo-ago-2014.indd 42 07/08/2014 11:55:59

de pós-graduação.

Sobre estas produções, os dados coletados apontam os seguintes resultados:

- 52% dos artigos fazem Análise de Literatura (autor e/ou obra);
- 44% dos artigos foram publicados entre 2009 e 2010;

Lista 1: Autores(as) mais citados(as) em artigos apresentados sobre História da Leitura em Congressos, em ordem alfabética.

NACIONAIS	ESTRANGEIROS
ABREU, Márcia.	BORDIEU, Pierre
AZEVEDO, Fernando de.	BURKE, Peter de.
BATISTA, Antônio Augusto G.	CERTEAU, Michel de
BITTENCOURT, Circe M. F.	CHARTIER, Anne-Marie
CARVALHO, Marta M. C.	CHARTIER, Roger
CATANI, Denice B.	DARNTON, Robert
FARIA FILHO, Luciano M. de	FOUCAULT, Michel
GALVÃO, Ana Maria de O.	GINZBURG, Carlo
LAJOLO, Marisa	HALLEWELL, Laurence
LOPES, Eliane Marta	HÉBRARD, Jean
MORTATTI, Maria do Rosário Longo	LE GOFF, Jacques
SEVCENKO, Nicolau	NÓVOA, António
SOARES, Magda Becker	
SOUZA, Rosa Fátima de	
VIDAL, Diana G.	
ZILBERMAN, Regina	

Fonte: KLINKE(2012, p.27)

- 60% dos artigos dialogam com outros(as) pesquisadores(as) da leitura;
- O diálogo com pesquisadores(as) da leitura é disperso, predominando Roger Chartier em 24% dos artigos.

A apropriação do conhecimento científico no Brasil apresenta, pois, predomínio de fundamentação em autores estrangeiros, com grande preferência às publicações (traduzidas) do pesquisador francês Roger Chartier, muito embora tenhamos hoje acesso a várias publicações de autores brasileiros que tratam rigorosamente sobre o tema.

Parece-nos, pois, muito importante tanto para o mercado das editoras quanto para os próprios professores universitários, que se faça um balanço do que foi publicado nos últimos anos por essas editoras em confronto com as indicações de leitura contidas nos planos de disciplina dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*. Tal levantamento poderia contemplar o questionamento que as pesquisas nos provocaram: o que tem sido publicado tem respaldo no que é indicado para a leitura acadêmica?

Concluímos que ainda há muito a ser investigado, pois para responder a essas perguntas é preciso conhecer o quê e como se lê, como são feitas as escolhas de títulos, onde se localiza o desejo do leitor, o que envolve entrar em contato com a subjetividade do sujeito. Isto demanda pesquisas de cunho qualitativo, portanto mais complexas, demoradas e dispendiosas.

verbo-ago-2014.indd 43 07/08/2014 11:55:59

REFERÊNCIAS

ALVES, Fernanda; KLINKE, Karina. Abordagem dos temas leitura e literatura em artigos científicos de revistas da biblioteca eletrônica SciELO (1990-2010). Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Universidade Federal de Uberlândia. Ituiutaba, MG, 2014. p.10

KLINKE, Karina. Contribuições da História da Leitura e da Escrita para a História da Educação no Brasil (1998-2010). *Poiésis Pedagógica* - V.10, N.2. Catalão,GO, ago/dez.2012.

BARBOSA, Ruy. Prefácio. CALKINS, N. A *Primeiras Lições de Coisas* (manual de ensino elementar para uso dos pais e professores). Vertido da 40ª edição por Ruy Barbosa. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.

Fonte: freeimages.com

verbo-ago-2014.indd 44 07/08/2014 11:56:00

Desafios para a cadeia produtiva e distributiva do livro

Denise Fleck[1]
Leonardo Bastos[2]

Uma história de conquista de espaço e meios para crescer sintetiza a análise histórica que fizemos do crescimento e desenvolvimento da Indústria Editorial de Livros no Brasil (IELB) no período 1808-2013. Com efeito, as circunstâncias em que a IELB nasceu e se desenvolveu foram marcadas por uma série de entraves de diferentes naturezas. Hoje, no entanto, a IELB experimenta um cenário bastante diferente: em lugar de entraves, diversas alavancas impulsionam seu crescimento.

A IELB permaneceu durante a maior parte de sua história sujeita à ação de elementos limitantes. A influência cultural estrangeira, a censura do governo, os impostos sobre o livro e papel de impressão, a elevação da taxa de câmbio e a alta inflação constituíram os elementos limitantes que, paulatinamente, deixaram de atuar sobre a IELB e restringir sua atuação ao longo das fases. Com a desativação desses elementos, a IELB encontrou condições cada vez mais favoráveis para desempenhar suas quatro funções centrais: criação, seleção, produção e distribuição.

Na medida em que os elementos limitantes foram sendo desativados, elementos propulsores começaram a ganhar força, contribuindo para a aceleração do crescimento da indústria. Dentre esses se destacam, de um lado, o processador de texto e *desktop publishing software*, o *e-commerce*, a impressão sob demanda e o livro eletrônico; e de outro lado, políticas públicas que deram origem aos programas de compra de livros pelo governo, ao aumento real da renda, à ampliação da educação, às isenções de impostos e demais políticas de incentivo à cultura e leitura.

A análise das respostas da IELB aos desafios do crescimento em cada fase da história identificou traços saudáveis, tais como a capacidade de monitorar consistentemente as mudanças no ambiente e influenciar ativamente as decisões do governo em questões de seu interesse. Por outro lado, o crescimento da IELB elevou seu nível de diversidade e complexidade internas ao aumentar a heterogeneidade e a quantidade de conexões dentro da indústria. Editoras e livrarias estão ampliando continuamente seus perfis de publicação como principal mecanismo de crescimento.

[1] Denise Fleck - Professora da COPPEAD/UFRJ,é titular da Cátedra Visagio de Estratégia e Crescimento Organizacional. Graduada em Engenharia Elétrica pela PUC/RJ, é Mestre (M.Sc.) em Administração de Empresas pela COPPEAD/UFRJ e Ph.D. em Management pela McGill University de Montreal, Canadá. Leciona e realiza pesquisas relacionadas a Estratégia Empresarial, Gestão do Crescimento Corporativo, Mudança Organizacional e Negociação. Coordena a Cátedra de Estratégia e Crescimento Organizacional patrocinada pela Visagio Consultoria, cujos estudos visam distinguir processos de crescimento saudáveis daqueles que são nocivos para a continuidade da existência da organização.
[2] Leonardo Bastos - Publicitário formado pela Universidade Federal Fluminense, com pós-graduação em Finanças pela Escola Politécnica da UFRJ e Mestrado em Administração pela COPPEAD/UFRJ. Atualmente é sócio da Catavento Consultoria, onde atua em projetos de mapeamento de tendências, pesquisas executivas, análise de materialidade e integração de aspectos não financeiros à estratégia corporativa das empresas. Antes de se juntar à Catavento, trabalhou por quase sete anos no mercado de telecomunicações, na Área de Marketing, Pricing e Estruturação de Canais das companhias Oi e TIM.

verbo-ago-2014.indd 45 07/08/2014 11:56:01

A IELB não conseguiu ainda estabelecer estratégias que racionalizem o crescente aumento do lançamento de novos livros, por meio de, por exemplo, segmentação da distribuição ou desenvolvimento de novos tipos de canais. A maior parte de livrarias e editoras não consegue criar disciplina para aprender sistematicamente com suas falhas e sucessos. A carência de informação e/ou análise sobre compradores e leitores, sobre o desempenho de títulos bem ou mal sucedidos e sobre a eficácia de estratégias passadas de produção, lançamento, distribuição, etc. dificulta o processo de aprendizado.

Além disso, a análise apontou uma persistente ausência de integração sistêmica entre os diferentes elos da cadeia produtiva, constituindo fonte de crescente fragilidade diante do aumento significativo de empresas atuando em cada uma das funções da indústria. A falta de sistemas que integrem a comunicação entre editoras, livrarias e distribuidores, impede a verificação da disponibilidade e prazo dos livros nas livrarias, gerando falhas de comunicação e erros. A ausência de integração sistêmica obriga editoras, distribuidores e livrarias a fazer o acerto e verificação dos livros consignados de forma manual, sujeitando esses agentes transformadores a erros frequentes que degradam a relação entre si. Não há sistemas com informações mais detalhadas sobre os títulos para auxiliar as equipes de vendas das editoras e as livrarias na escolha do melhor acervo e na sugestão de livros aos compradores e leitores.

Alguns possíveis efeitos colaterais podem ser sugeridos. O primeiro deles seria a acomodação, por parte das editoras, decorrente do crescente aumento dos programas de compra de livros pelo governo, o que não estimularia a inovação de processos e estratégias. O segundo possível efeito colateral é o elevado nível de legitimidade conferido à IELB pelo governo e pela sociedade, o que lhe garante altas chances de continuar existindo, mas não garante que essa existência se dê de forma saudável no que tange às empresas-membro da indústria, nem no que tange à sociedade como um todo, haja vista os desperdícios que provoca, por exemplo, na forma de crescente volume de encalhes de obras produzidas.

Fonte: educacaoprofissionaldabahia.blogspot.com.br/

A entrada da Amazon, Google e Apple pode mudar o contexto de crescimento da indústria, visto que todas essas empresas operam baseadas em informação. Ao contrário do restante da IELB, essas empresas são capazes de aprender continuamente com “erros e acertos”, buscam conhecer os compradores e leitores que frequentam seus *sites*, e têm gestão sobre a troca de informação com seus fornecedores (editoras). Nesse sentido, os distribuidores digitais podem ajudar a disseminar novas sementes de crescimento que fortaleçam uma trajetória de crescimento da IELB, ao custo da eventual extinção de alguns de seus componentes que não venham a conseguir desenvolver, no nível de suas organizações, propensão ao crescimento saudável.

Muito embora as editoras e livrarias de grande porte tenham maior capacidade de lançar e distribuir maiores volumes de livros, estas grandes empresas podem vir a enfrentar alguns desafios. O primeiro é a dificuldade de manter consistência de suas identidades e posicionamentos, à medida que crescem e expandem sua linha de produtos oferecidos, áreas geográficas de atuação e perfil diferente de compradores e leitores. O segundo reside na necessidade de desenvolver capacidade de gestão para lidar com o aumento das inter-relações entre áreas da empresa; da quantidade de produtos oferecidos; de autores, etc.

A entrada dos distribuidores digitais pressiona as pequenas livrarias de duas maneiras: por dispensarem a necessidade de uma loja física para aquisição de um livro eletrônico, e por terem tamanho, *know-how* em distribuição digital e nível de capitalização para investir. Com a entrada dos distribuidores digitais, muitas editoras pequenas podem, no médio prazo, perder alguns de seus autores para a autopublicação digital oferecida por essas mesmas empresas.

verbo-ago-2014.indd 46 07/08/2014 11:56:02

Afinal, o que é ser leitor?

Carlos Alberto Gianotti[1]

Fonte: freeimages.com

"¿Por qué no estudian directamente los textos?
Si estos textos les agradan, bien; y si no les agradan, déjenlos,
ya que la idea de la lectura obligatoria es una idea absurda:
tanto valdría hablar de felicidad obligatoria."

J. L. Borges, em Siete Noches

Em seu atualíssimo livro *A civilização do espetáculo* (Trad. I. Bendetti; Objetiva, 2013), Mario Vargas Llosa é concludente: vivemos um tempo de banalização da cultura, um tempo de metamorfose daquilo que se entendia por cultura, na época em que era alimentada e preservada por uma elite (cultural) e a ela mesma se destinava. Diz Llosa que essa concepção de cultura inapelavelmente acabou e que estamos em plena civilização do espetáculo, do entretenimento fútil, do falatório mediante vocabulário glamorizado e da irrelevância da criatividade estética. Seguindo-se um pouco além por esta trilha esboçada pelo Nobel, pode-se perceber a mencionada espetacularização também na atividade empresarial, na educacional escolarizada e na esportiva, amadora ou profissional. Enfim, em bem se analisando, constatar-se-á que tudo se move visando a um espetáculo sempre alimentador de vaidades.

Nunca encontrei alguém instruído que, pelo menos da boca para fora, não considerasse a leitura como essencial para a vida das criaturas. A leitura aparece, para além do mero entretenimento, como fator de aprimoramento individual, de formação da pessoa humana integral. Muitos especialistas dizem que, suplementarmente, pela leitura, além de outros proveitos, o ledor torna sua imaginação mais frenética; isto é, quanto mais se lê, mais imaginativo se fica, ou os que leem bastante restam

[1] Professor de Física, editor-executivo da Editora Unisinos, é autor de *Um rio circunferencial* (WS Editor). Vive em Porto Alegre.

verbo-ago-2014.indd 47 07/08/2014 11:56:05

com a imaginação mais arguta do que aqueles que pouco ou nada leem. E ter imaginação fértil, dizem, é um refrigério para o intrapsíquico. Em outras palavras, a capacidade imaginativa das criaturas precisa ser irrigada com doses de leitura, para crescer como uma planta. Uma tal quantificação, parece-me ela mesma imaginária, coisa que é bonita de se dizer, mas que não se pode efetivamente aferir.

Alguns meses atrás, o reputado jornalista, editor e escritor espanhol Juan Cruz, quando esteve em Buenos Aires para o lançamento do último de seus livros, em entrevista ao caderno Ñ, do *Clarín*, saiu-se com esta: "*La tarea del editor es decirle a la gente por qué debe ler um libro y no irse a la playa*". Parecem-me tais ações irrelacionáveis (ler ou ir à praia; soa como se a atividade de ler estivesse acima de qualquer outro fazer), mas indiscutivelmente, como assertiva, rende dividendos na comunidade bem-comportada dos intelectuais do bem. São as verdades que mentem. Vargas Llosa, ao falar na civilização do espetáculo, identifica-a também na miríade de manifestações absurdas, a exemplo da de Cruz, tidas como "culturais", com que somos bombardeados continua e impiedosamente.

Conforme pude constatar durante mais de trinta anos de magistério, sempre foi intenção de meus colegas docentes das disciplinas de Língua Portuguesa e de Literatura fazer com que seus alunos se tornassem leitores, apreciadores da leitura. Continuam eles ainda hoje a asseverar pelas salas de aula, num psitacismo que enuncia uma verdade que lhes é válida, que é indispensável ler, porque é por meio da leitura que se lapida o espírito crítico, se aprimora o redigir, se acura o bom gosto e se estará apto a exercer com discernimento a cidadania – seja lá isso o que for. Pode-se, entretanto, constatar que esses professores, no que se refere a tal intenção, têm alcançado o mais absoluto insucesso: basta notar que 38% dos brasileiros com curso superior, hoje, não conseguem entender um texto simples ou escrever algumas linhas sem solecismo e de forma coerente (Indicador de Analfabetismo Funcional 2012, dado pelo Instituto Paulo Montenegro, ONG Ação Educativa), como um bilhete para (des)marcar um churrasco com amigos – que acaba por sair em garranchos e ao estilo semântico do bilhete do *Samba do Arnesto*, do Adoniran Barbosa. (Nessas condições, leitor destas linhas, noto que há uma nada desprezível probabilidade de o seu médico ter-lhe prescrito aquela medicação sem haver entendido perfeitamente o que diz a bula.)

Ao mesmo tempo de magistério, pude também constatar que colegas professores de Educação Física, alguns deles mesmos com sobrepeso corporal e que não arredavam pé da vida sedentária (porque isso não depende apenas de uma vontade racional), viviam a incentivar seus alunos à prática de esportes e de exercícios físicos para a vida saudável, para um longo e bem viver. Igualmente se pode constatar o insucesso das elocuções desses educadores físicos, a se julgar pelo hábito de realizar exercícios entre os adultos de hoje: quantos entre nós mantemos continuadamente a prática recomendada por nosso antigo professor do colégio?

Fazer exercícios físicos regrados depende de força de vontade, de disciplina, de continuidade por parte do praticante, o motivo indubitável de a maioria manter-se sedentária; a leitura, por sua vez, impõe ao leitor disciplina, atenção, reflexão, razões pelas quais tantos são os refratários a ela. É certo que ler ficção popular, como a de Paulo Coelho, literatura de autoajuda ou policial requer miúda aplicação intelectual; já literatura de proposta, de problematização, exige do leitor, além de um vocabulário mais amplo e refinado, um espírito sutil, uma capacidade de entendimento esmerada, um pensamento criativo bem-conformado, reclama a faculdade da abstração e demanda estabelecimento de relações – como para ler Proust, Macedônio Fernandez, Pessoa, Bernhard, Kafka, Musil – condições que, por sua vez, se aprimoram com o continuado deleite com autores como esses.

Então, fazer com que as pessoas passem a apreciar a atividade de ler parece-me um homólogo de fazer com que as pessoas venham a gostar de praticar exercícios físicos sistemáticos. A primeira para uma vida crítica, "cidadã"; a outra para uma longevidade daquela vida crítica: *mens sana in corpore sano*. Assim, os que não leem estariam para o âmbito da cultura como os sedentários estão para o do fisicultura.

No final de 2013, chegou-me às mãos um exemplar da recém-lançada publicação *Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura* (PELL), 2013-2023, do Rio Grande do Sul, que, como outros projetos similares, estabelece as bases para uma ação coletiva visando ao incremento do hábito de ler. Documento burocrático, fala sobre a importância da leitura, assevera que as escolas devem formar leitores e que a difusão da leitura deve começar na família. Tudo muito bonito. Porém, como costuma acontecer sempre que se fala em fomentar a leitura, o que não diz também este documento é o que vem a ser "a leitura", o que é "ser leitor". Parece-me esta uma indagação preliminar essencial quando no Brasil se fala tanto em "formação de leitores", pois não é possível formá-los se não se tem noção exata do que

verbo-ago-2014.indd 48 07/08/2014 11:56:05

é ser leitor. Portanto, quais seriam os critérios para considerar uma pessoa como leitora e outra como não leitora? Quais seriam esses parâmetros?

O que caracterizaria como leitor, por exemplo, um eletricista, um desembargador, uma embaixadora, um contador, um bombeiro, uma taquígrafa, um engenheiro, um delegado, um caixa de banco, uma manicure?

Será leitor o oficial do tabelionato que passa o dia lendo escrituras de compra e venda de imóveis? Será leitora a telefonista que, entre um e outro atendimento, examina a *Contigo* e a *Caras* de que é assinante? Ou a dona de casa que apenas folheia o jornal diário, atenta especialmente ao obituário? Será leitor o escrivão de polícia que se entretém com literatura policial nos momentos de folga do plantão da calada da noite? Ou o ascensorista que, em seu irremediável sobe e desce, lê e relê as recomendações dos compêndios de Lair Ribeiro? Ou o professor de Literatura que apenas lê os livros que recomenda a seus alunos? Ou aqueles que leem tudo considerado fundamental pela *intelligentsia* nacional, desde Homero, Ovídio, Camões e Cesário Verde até Verissimo, Caio Abreu, Ruffato e Galera? Ou aquele que, não sendo muito afeito à poesia e à ficção, é, entretanto, estudioso inveterado de filosofia – Platão, Kant, Nietzsche, Hegel, Heidegger, com algumas passadinhas ligeiras por Freud e Lacan?

Poder-se-ia estabelecer, sem autoengano, que, para ser considerado "leitor", a criatura deverá ler aquilo que a intelectualidade, aqueles que tanto dizem ler, estabeleça como escritos dignos de serem lidos?

Poder-se-ia também conjecturar, não sem coragem, mas com desentusiasmo, que o hábito de ler será reservado à elite cultural, àqueles a quem foi conferido o dom de apreciar a leitura, com disciplina, atenção, análise, num paralelo àquele dizer de Vargas Llosa que considera a cultura algo a ser preservado e apreciado apenas pelas elites culturais, que realmente se deleitam lendo o que há de bom?

Ou, ainda, aceitar que seja provável que aqueles que não gostam de ler jamais virão a fazê-lo, simplesmente porque acham isso chato ou despiciendo, como quem não gosta de exercitar-se fisicamente nunca irá além da poltrona.

Enfim, o que é ser leitor?

[1] NR: ***Afinal, o que é ser leitor?*** foi publicado no jornal Gazeta do Povo, edição Janeiro 2014.

verbo-ago-2014.indd 49 07/08/2014 11:56:05

O risco que a leitura corre

Cláudio Moreno[1]

"La lectura: esa felicidad tan accesible."

Jorge Luis Borges

Passados os primeiros anos da novidade, começa a ficar bem claro que o livro eletrônico não veio eliminar o seu respeitável predecessor, o livro de papel. Embora ainda persistam algumas questões não resolvidas, como o preço justo e o combate à pirataria, é inegável que os editores, superado o primeiro choque, começam a se aproximar cada vez mais da medida certa de convivência entre as duas plataformas. Antes mesmo do que se esperava, a guerra entre o suporte físico e o suporte digital acabou num armistício que apenas redefiniu as fronteiras do grande território ocupado pelo livro. Contudo, não foram dissipadas as nuvens negras que pairam sobre o seu futuro, pois elas nascem da grande ameaça que a própria leitura vem sofrendo.

O crescente desinteresse pela leitura começou a ser detectado no início dos anos 80 — antes, portanto, do grande boom da TV e da Internet; isso sugere que ele esteja ligado a três fatores que infelizmente vêm caracterizando os últimos trinta anos: primeiro, e mais importante, o pouco tempo de que dispomos para dedicar ao **ócio** (no sentido romano, como veremos abaixo); depois, a dificuldade em assegurar duas condições indispensáveis para o ato da leitura, o **silêncio** e a **solidão**.

O silêncio, hoje raríssimo, é um privilégio de poucos, tendo se tornando o mais importante sinal exterior de riqueza do séc. XXI. Como explica George Steiner, o poder de uma classe, no século XIX, podia ser medido pela extensão de território de que ela podia dispor (segundo Veblen, viria daí, inclusive, a ascensão do golfe como esporte da elite, já que sua prática exige uma área descomunal, em comparação com os demais esportes); hoje, contudo, os realmente poderosos se destacam dos simples mortais pela qualidade do silêncio que conseguem desfrutar — o que inclui desde a construção de requintados prédios com lajes e paredes à prova de som, até residências em locais isolados e silenciosos, como as ilhas paradisíacas do Sri Lanka ou as extensas planícies da Patagônia.

A solidão, por sua vez, é a própria essência da leitura. A surradíssima afirmação

[1] Cláudio Moreno é formado em Letras, com ênfase em Português e Grego. É Mestre em Língua Portuguesa pela UFRGS e Doutor em Letras pela PUCRS. Foi professor do Instituto de Letras da UFRGS e das faculdades de Direito e de Comunicação da PUCRS. É colunista regular do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, com uma seção sobre mitologia e outra sobre questões de nosso idioma. É o autor de *Guia Prático do Português Correto* (4 v.) e de *O Prazer das Palavras* (3 v.), pela L&PM, e coautor de *Português para Convencer* (Ática). Publicou também o romance *Troia: o romance de uma guerra* e dois livros de crônicas sobre a Antiguidade — *Um Rio que Vem da Grécia* e *100 Lições para Viver Melhor; histórias da Grécia Antiga*, com o qual conquistou o prêmio Açorianos de Literatura 2009. Mantém o *site* www.sualingua.com.br

verbo-ago-2014.indd 50 07/08/2014 11:56:05

de que “ler é como conversar com um amigo” não descreve corretamente esta atividade, pois ela se faz necessariamente na solidão. É verdade que nos comunicamos tanto com um livro quanto com um amigo, mas a diferença essencial é que, na leitura, entramos em contato com o pensamento do autor, mas continuamos sozinhos, o que nos permite elaborar e assimilar as ideias que recebemos — algo totalmente impossível de fazer durante uma verdadeira conversa com alguém.

Os romanos entendiam o ócio (no Latim, ***otium***) como o tempo de lazer que o indivíduo consagrava principalmente a seu enriquecimento pessoal e intelectual: frequentar os filósofos, aprender a tocar um instrumento musical ou a falar línguas estrangeiras, ouvir os poetas e, acima de tudo, ler. Esse lazer produtivo era contraposto por Cícero ao lazer vazio, ao ***otiosum otium***, o não fazer nada, a ociosidade estéril e inútil. A leitura era a melhor forma de ocupar este tempo — fosse para estudar algum assunto (***utilitas***) ou pelo simples prazer de ler (***voluptas***).

Talvez ninguém mais tenha encarnado esse prazer de ler do que Afonso V, rei de Aragão e Nápoles, que reinava por volta de 1450. Ele deve ter sido um dos mais entusiasmados leitores do Ocidente. Nenhum monarca protegeu mais as letras do que ele. Mandou traduzir dezenas de autores da Antiguidade só para poder lê-los, pois, para ele, os melhores conselheiros eram os mortos, isto é, os livros: “Seus conselhos”, dizia, “jamais são ditados pelo medo ou pela lisonja”. Considerava perdido o dia em que não tivesse dedicado ao menos uma hora à leitura. Certa feita, tendo contraído uma grave enfermidade em Cápua, foi submetido inutilmente a todos os tratamentos conhecidos pelos médicos da época, até que Antônio de Palermo, erudito historiador que vivia em sua corte, deu-lhe de presente um exemplar da vida de Alexandre Magno escrita por Quinto Cúrcio. Seu prazer em ler aquelas páginas operou uma cura milagrosa, e ele, já reestabelecido, costumava exclamar, referindo-se ao fato: “Que Hipócrates, que Avicena, que médicos, que nada! Viva Quinto Cúrcio, meu salvador!”

Fonte: freeimages.com

Pois são essas condições que vêm minguando desde o final do século XX. O vocábulo **lazer**, infelizmente, passou a significar apenas o tempo livre, o tempo sem trabalho, sem ter a mesma conotação cultural que tinha no passado. Há hoje uma oferta abundante de livros, eletrônicos ou em papel, mas isso não quer dizer nada, pois muita gente vive rodeada de livros ou armazena bibliotecas inteiras em seu computador, sem dedicar a eles o tempo necessário para lê-los. É significativo que uma obra de ficção científica que trata de uma época futura em que os livros e a leitura são banidos da sociedade — o famoso ***Fahrenheit 451***, de Ray Bradbury — marque muito bem essa mudança de significado. Montag, o protagonista, conversa com Faber, o professor que ele admira; o professor percebe a curiosidade intelectual de Montag e começa a trabalhar para transformá-lo num leitor: “Essa é a primeira coisa de que precisamos”, diz o professor. “E a segunda?” — “Lazer”. — “Ah, mas nós temos bastante tempo livre!” — “Tempo livre, sim, mas tempo para refletir?”.

Por outro lado, os novos meios eletrônicos também parecem contribuir negativamente neste sentido. Não para o verdadeiro leitor, o leitor cascudo, o leitor aficionado, pois este vai continuar a ler mesmo que o texto esteja escrito na parede de uma caverna ou numa tabuinha de cerâmica. O problema são os leitores novos, os sucessores da atual geração. Para estes, a leitura tem perdido todo o seu charme, o que levou um veterano como Philip Roth a lamentar, num desabafo melancólico: “A concentração, o foco, a solidão, o silêncio, todas essas coisas exigidas por uma leitura séria já não estão mais ao alcance das pessoas”. Para Roth, o leitor é irremediavelmente distraído pelo cinema, pela TV, pelos computadores e por redes sociais como o Facebook. Para um escritor, diz ele, é impossível competir com as telas múltiplas que até os telefones oferecem.

É exatamente por isso que George Steiner, nosso último humanista vivo, vê a leitura (e, por consequência, o livro, seja lá com que formato) como nossa única salvação, como a única forma de evitar a decadência cultural de nossa civilização. Steiner aponta a formação de novos leitores como função primordial dos pais e da escola. “A leitura ativa, séria, é a higiene da alma e a escola primária da esperança. (...) Privar uma criança da leitura é um crime que desejo qualificar de teológico e que é, ao mesmo tempo, político. É uma blasfêmia contra o elã vital de todo o ser”.[2]

[2] George Steiner – ***Enfants du Siècle*** - Les Entretiens Nathan, Actes IV.

verbo-ago-2014.indd 51 07/08/2014 11:56:06

Em todas as regiões do Brasil

A ABEU conta com 121 editoras associadas distribuídas nas cinco regiões organizadas do Brasil, sendo 37 no Sul, 33 no Sudeste, 12 no Centro-Oeste, 28 no Nordeste e 11 no Norte. A atuação regional é de significativa importância para a promoção contínua do conhecimento científico, interligando as universidades de modo dinâmico, bem como para o apoio ao desenvolvimento de políticas de difusão à leitura.

Nas páginas a seguir, disponibilizamos a relação das associadas, informando as respectivas marcas, nome fantasia, ano de criação, principal área editorial e endereços eletrônicos.

ASSOCIADAS DA REGIÃO SUL

ARGOS
Argos Editora da Unochapecó – Universidade Comunitária Regional de Chapecó
1992, Cientifico, Regional e Cultural
www.isthmus.com.br/argos; e-mail: argos@unochapeco.edu.br

EdiUNIARP
Editora da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe, SC
03/05/1993, Saúde Pública, Ciências Biológicas em Saúde
www.uniarp.edu.br; email: atendimento@uniarp.edu.br

Editora UNIFIL
Editora do Centro Universitário Filadélfia, PR
2008, Produção acadêmico-científica e cultural
www.unifil.br; email: fernando.santos@unifil.br

UTFPR
Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, PR
2002, Produção técnico-cientifica e cultural
Email: editora@utfpr.edu.br

EDIFURB
Editora da Fundação da Universidade Regional de Blumenau, SC
agosto de 1986, Acadêmico-Científico, Didático-Pedagógico e de Ficção
www.editora.furb.br; e-mail: editora@furb.br

EDIPUCRS
Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
09/11/1988, Filosofia, História e Teologia
www.pucrs.br/edipucrs; e-mail: ucrs@pucrs.br

EDITFURG
Editora da FURG – Universidade Federal do Rio Grande, RS
Científica, Acadêmica e Cultural
www.vetorial.net/~editfurg; e-mail: editfurg@mikrus.com.br

EDITORA DA ULBRA
Editora da ULBRA – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS
27/07/1993, Cientifico e Literário
www.editoradaulbra.com.br; e-mail: editora@ulbra.br

EDITORAIBPEX
Editora IBPEX LTDA - Faculdade Internacional de Curitiba, PR
01/03/2005

verbo-ago-2011.indd 52 07/08/2011 11:56:10

Didático-pedagógico, científico, técnico e cultural
www.editoraibpex.com.br; e-mail: editora@editoraibpex.com.br

EDITORAUFPR
Editora da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR
24/03/1987
Cientifico e Cultural
www.editora.ufpr.br; e-mail: editora@ufpr.br

EDITORAUNESC
Editora Unesc – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC
18/4/2002, Didático-pedagógico, científico, técnico e cultural
http://periodicos.unesc.net ; e-mail: conselho@unesc.net

EDITORAUNIJUI
Editora da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS
1985, Cultural, Científico, Técnico e Literatura
www.editoraunijui.com.br. e-mail: editora@unijui.edu.br

EDITORAUNISUL
Editora Unisul – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC
1986, Científico
www.unisul.br/editora; e-mail: editora@unisul.br

EDITORAUNIVALI
Editora da Universidade do Vale do Itajaí, SC
1997, Cientifico
www.univali.br/editora; e-mail: editora@univali.br

EDITORAUPF
UPF Editora – Fundação Universidade de Passo Fundo, RS
1995, Ciência Humanas
www.upf.br/editora; e-mail: editora@upf.br

EDUCAT
Editora da Universidade Católica de Pelotas, RS
1988, Técnico, Científico
www.educat.ucpel.tche.br ;e-mail: educat@phoenix.ucpel.tche.br

EDUCS
Editora da Universidade de Caxias do Sul, RS
1976, Didático, Científico
www.ucs.br/ucs/editora

EDUEL
Editora da Universidade Estadual de Londrina, PR
1994, Cientifico, Cultural e Didático
www.uel.br/editora ;e-mail: eduel@uel.br, eduel.dir@uel.br

EDUEM
Editora da Universidade Estadual de Maringá, PR
1992, Científico, Técnico e Cultural
www.eduem.uem.br ;e-mais: eduem@uem.br

EDUEPG
Editora da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR
1997, Regional e Acadêmica
www.uepg.br/editora; e-mail: editora@uepg.br

EDUFRGS
Editora da Universidade Federal do Rio Grande, RS
19/03/1971, Cultural e Científico
www.ufrgs.br/editora ; e-mail: admeditora@ufrgs.br

EDUFSM
Editora da Universidade Federal de Santa Maria, RS
1981, Cientifica, Literária e Didática
www.ufsm.br/editora; e-mail: editora@ctlab.ufsm.br

EDUNIOESTE
Editora e Gráfica Universitária – Universidade estadual do Oeste de Paraná, PR
1997, Cientifico e Acadêmico
www.unioeste.br/editora; e-mail: editora@unioeste.br

EDUNISC
Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul
1993, Cientifica, Literária e Didática
www.unisc.br/edunisc; e-mail: editora@unisc.br

EDUNISINOS
Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS
1993, Filosofia e Ciências da Comunicação
www.unisinos.br/editora; e-mail: editora@unisinos.br

INSTITUTOPIAGET
Instituto Piaget Editora – Unipiaget Brasil, Porto Alegre, RS
1991, Científico e Acadêmico
www.ipiageteditora.com. BR; e-mail: dulce@ipiageteditora.com.br

METODISTAIPA
Centro Universitário Metodista, Porto Alegre, RS
8/03/2005Científica, Acadêmica e Cultural
www.metodista.br/editora; e-mail: editora.metodista@metodistadosul.edu.br

EDITORA CHAMPAGNAT
Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, PR
03/01/1983, Científico, Filosófico e Religioso
editorachampagnat.pucpr.br ; e-mail: editora.champagnat@pucpr.br

UFPEL
Editora e Gráfica Universitária – Universidade Federal de Pelotas, RS
Técnico, científico,artístico e cultural
www.prec.ufpel.edu.br/livraria; e-mail: editora@uol.com.br

UNICENTRO
Editora da Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR
1984, Cientifica e Literária
www.unicentro.br/editora; e-mail: editora@unicentro.br

UNIRITTER
Editora UniRitter – Centro Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, RS
1997, Cientifico e Cultural
www.uniritter.com.br/editora; e-mail: editora@uniritter.edu.br

UNIVILLE
Editora da Universidade da Região de Joinville, SC
Março de 2000, Científica
www.community.univille.edu.br/editora_univille; e-mail: editora@univille.edu.br

EDUFSC
Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, SC
1980, Cientifico e Cultural
http://www.editora.ufsc.br e-mail: editora@editora.ufsc.br

IMED
Editora IMED – Complexo de Ensino Superior Meridional, RS
e-mail: editora@imed.edu.br

UNOPAR
União Norte do Paraná de Ensino, PR
Cientifico e Cultural
e-mail: editora@unopar.br

UNILASALLE
Editora UNILASALLE, RS
Cientifico e Cultural
e-mail: editora@unilasalle.edu.br

URI - FW

Fonte: pt.gde-fon.com

verbo-ago-2011.indd 53 07/08/2011 11:56:19

Editora Fundação Regional Integrada, RS
Cientifico e Cultural
www.fw.uri.br/site/editora/editora.php e-mail: editora@uri.edu.br

ASSOCIADAS DA REGIÃO SUDESTE

BIBLIEX
Biblioteca do Exército, RJ
17/12/1881, Produção Técnico-científica e cultural
www.bibliex.edu.eb.br; email: bibliex@bibliex.ensino.eb.br

Editora da UNICAMP
Universidade Estadual de Campinas, SP
1982, Produção científica nas áreas de artes, biomédicas, ciência e tecnologia, comunicação e humanidades.
www.editora.unicamp.br;email: diretor@editora.unicamp.br

EdUEMG
Universidade do Estado de Minas Gerais
07/2008, Produção científica, artística e literária
http://eduemg.uemg.br/index.php; email: eduemg.uemg@gmail.com

UNASP
Unaspress - Imprensa Universitária Adventista, SP
1994, Produção acadêmico-científica.
http://unaspress.unasp.edu.br;email: renato.groger@unasp.edu.br

ARTECIENCIA
Editora Arte e Ciência, SP
15/02/2002, Livros Acadêmicos
www.arteciencia.com.br ; e-mail: editora@arteciencia.com.br

FE-UNICAMP
Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP
03/1995, Trabalhos da pós-graduação da Faculdade de Educação
www,bibli.fae.unisamp/editoras-online/index.php; e-mail:gilbfe@unicamp.br

EDIFIEO
Editora da Fundação Instituto de Ensino para Osasco, SP
1997, Produção Cientifica, Artística e Filosófica
www.unifieo.br ; e-mail: edifieo@unifieo.br

EDITORAFIOCRUZ
Editora Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz, RJ
03/05/1993, Saúde Pública, Ciências Biológicas em Saúde
www.fiocruz.br/editora

EDITORAMACKENZIE
Editora Mackenzie – Universidade Prebisteriana Mackenzie, SP
1999, Acadêmico
www.mackenzie.br/editoramackenzie

EDITORAMETODISTA
Editora Metodista – Universidade Metodista de São Paulo, SP
1980, Produção Cientifica
www.metodista.br/editora; e-mail: editora@metodista.br

EDITORAUFJF
Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG
1986, Ciências Sociais e Saúde
www.editoraufjf.com.br ;editora@ufjf.edu.br

EDITORAUFRJ
Editora Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ
1986, Pensamento Crítico, História, cultura e idéias
www.editora.ufrj.br ; e-mail: cncoutinho@editora.ufrj.br

EDITORAUFV
Editora da Universidade Federal de Viçosa, MG
26/05/1996, Ciências Agrárias
www.editoraufv.com.br; e-mail: editora@ufv.br

EDITORAUNIMEP
Editora UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba, SP
1992, Científica, Tecnológica e Cultural
www.unimep.br/editora; e-mail: editora@unimep.br

EDITORAUNIMONTES
Editora da Universidade Estadual de Montes Claros, MG
1998, Técnico, científico,artístico e cultural
www.unimontes.br ; e-mail: ddi@unimontes.br

EDUC
Editora da PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP
1973, Acadêmica
www.pucsp.br/educ ;e-mail: educ@pucsp.br

EDUERJ
Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ
1994, Produção Cientifica e Intelectual
www.eduerj.uerj.br; e-mail: eduerj@uerj.br

EDUFES
Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, ES
13/6/1995, Ciências Humanas e Sociais
www.secretariadecultura.ufes.br/editora_ufes.php ; e-mail: ediufes@yahoo.com.br

EDUFF
Editora da Universidade Federal Fluminense, RJ
27/08/1985, Ciências Sociais Aplicadas e Ciência Humanas
www.editora.uff.br; e-mail: diretor@editora.uff.br

EDUR
Editora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ
2006, Técnicos, Científicos e Literários
www.editora.ufrrj.br; e-mail: edur@ufrrj.br

EDUFSCAR
Editora da Universidade Federal de São Carlos, SP
1986, Livros Científicos
www.editora.ufscar.br; e-mail: edufscar@power.ufscar.br

EDUFU
Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia, MG
1981, Técnico, científico, artístico
www.edufu.ufu.br; email: livraria@ufu.br

EDUL
Editora Universitária Leopoldianum – Universidade Católica de Santos, SP
1974, Educação, Direito e Gestão Ambiental
www.unisantos.br/edul; e-mail: leopoldianum@unisantos.br

EUSJT
Editora Universidade São Judas Tadeu, SP
Técnico, científico, artístico e cultural
www.usjt.br/editora_sao_judas ;e-mail: editora@usjt.br

FCRB
Edições da Casa de Rui Barbosa, RJ
1942, Literária e Humanística
www.casaruibarbosa.gov.br; e-mail: editora@rb.gov.br

IMESP
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo – IMESP, SP
28/4/1891, Cultura brasileira
www.imprensaoficial.com.br; e-mail: fatima@imprensaoficial.com.br

PUCMINAS
Editora PUC Minas – Pontifícia Universidade Católica, MG
30/03/2002, Ciências Sociais, Educação e Relações

verbo-ago-2014.indd 54 07/08/2014 11:56:26

Internacionais
www.pucminas.br/editora; e-mail: editora@pucminas.br

PUCRIO
Editora da Pontifícia da Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ
2000, Psicologia, Sociologia, Matemática, Comunicação, Filosofia, Teologia, Serviço Social, Educação, Letras
www.puc-rio.br/editorapucrio; e-mail: edpucrio@puc-rio.br

UFLA
Editora da Universidade Federal de Lavras, MG
outubro de 1998, Técnica, Científica e Didática
www.editora.ufla.br; e-mails: editora@editora.ufla.br

UNESP
Editora Universidade Estadual Paulista, SP
03/05/1995, Ciências Humanas
www.editoraunesp.com.br; e-mails: castilho@editora.unesp.br

FGV
Editora Fundação Getúlio Vargas, RJ
Cientifico e Cultural
www.fgv.br/editora e-mail: editora@fgv.br

UNISUAM
Editora Sociedade Unificada de Ensino Augusto Motta, RJ
Cientifico e Cultural
e-mail: reitoria@unisuam.edu.br

ASSOCIADAS DA REGIÃO NORTE

UEA Edições
Editora da Universidade do Estado do Amazonas, AM
2001, Produção acadêmico-científica e cultural.
Email: ueaedicoes@gmail.com

EDUA
Editora da Universidade Federal do Amazonas, AM
abril 1991, Técnico e científico
www.edua.ufam.edu.br; e-mail: edua@ufam.edu.br

EDUEPA
Editora da Universidade do Estadual do Pará, PA
2001, Científicos e Literários
www.upa.br/prof/eduepa; e-mail: editoradauepa@gmail.com

EDUFAC
Editora da Universidade Federal do Acre, AC
22/12/2003, Acadêmico, Científico, Técnico e Literatura
www. editoradaufac.blogspot.com; e-mail: editoradaufac@yahoo.com.br

EDUFPA
Editora da Universidade Federal do Pará, PA
1962, Técnico, científico, artístico e cultural
www.ufpa.br/editora; e-mail: editora@ufpa.br

EDUFRO
Editora da Universidade Federal de Rondônia, RO
20/06/2001, Técnico, Cientifico e Cultural
www.edufro.unir.br

EDUFRR
Editora da Universidade Federal de Roraima, PR
2007, Questão indígena, Amazônia, questões transfronteiriças
www.ufrr.br/institucional/editora/editora-da-ufrr; e-mail: rafasol@bol.com.br

MPEG
Museu Paraense Emílio Goeldi, PA
1894, Científico, tecnológico e cultural
www.museu-goeldi.br/editora; e-mail: editora@museu-oeldi.br

UFT
Editora da Universidade Federal do Tocantins, TO
18/8/2004, Científico, artístico e cultural
www.uft.edu.br; e-mail: vicereitoria@uft.edu.br

UNAMA
Editora UNAMA – Universidade da Amazônia, PA
Técnico, científico,artístico e cultural
www.unama.br/editoraUnama; e-mail: editoraunama@unama.br

EDUFRA
Editora da Universidade Federal Rural da Amazônia, AM
Técnico, Científico
www.ufra.edu.br; e-mail:editora@ufra.edu.br

ASSOCIADAS DA REGIÃO NORDESTE

EDUNEAL
Editora da Universidade Estadual de Alagoas, AL
2012, Produção acadêmico-científica e cultural
Email: eduneal@uneal.edu.br

EDUNIT
Editora Universitária Tiradentes, SE
2013, Produção acadêmico-científica e cultural
Email: editora@unit.br

EDUFRPE
Editora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE
1994, Produção acadêmico-científica e cultural .
www.editora.ufrpe.br;email: editora@editora.ufrpe.br

EDITORAUFC
Editora da Universidade Federal do Ceará, CE
21/02/1980, Técnico, científico e cultural
www.editora.ufc.br; e-mail: editora@ufc.br

EDITORAUNIFACS
Editora Unifacs – Universidade Salvador, BA
Técnico, científico, artístico e cultural
www.unifacs.br; e-mail: editora@unifacs.br

EDITUS
Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, BA
1996, Técnico, científico e cultural
www.uesc.br/editora; e-mail: editus@uesc.br

EDUECE
Editora da Universidade Estadual do Ceará, CE
24/09/1987, Produção Científica, Artística e Didática
www.uece.br; e-mail: eduece@uece.br

EDUEMA
Editora da Universidade Estadual do Maranhão, MA
Técnico, científico,artístico e cultural
www.uema.br; e-mail: editorauema@gmail.com

EDUEPB
Editora da Universidade Estadual do Paraíba, PB
1998, Saúde, Educação, Direito, Ciências e Tecnologia
www.eduepb.uepb.edu.br; e-mail: editora@uepb.edu.br

EDUFAL
Editora da Universidade Federal de Alagoas, AL
1983, Cientifico, Literário e Cultural
www.edufal.ufal.br; e-mail: contato@edufal.com.br

EDUFBA
Editora da Universidade Federal da Bahia, BA
1974, Técnico científico, cultural
www.edufba.br; e-mail: edufba@ufba.br

EDUFCG
Editora da Universidade Federal de Campina Grande
2005, Acadêmica, Universitária
www.ufcg.edu.br/edufcg; e-mail: edufcg@reitoria.ufcg.edu.br

EDUFPB
Editora da Universidade Federal da Paraíba, PB

Fonte: freeimages.com.

verbo-ago-2014.indd 55 07/08/2014 11:56:31

Técnico, científico,artístico e cultural
www.ufpb.br/editora; e-mail: livrariacasadolivro@hotmail.com

EDUFPE
Editora da Universidade Federal de Pernambuco, PE
1955, Técnico, científico,artístico e cultural
www.ufpe.br/edufpe; e-mail: editora@ufpe.br

EDUFPI
Editora da Universidade Federal do Piauí, PI
Técnico, científico,artístico e cultural
www.ufpi.br/editora; e-mail: ufpinet@ufpi.br

EDUFRB
Editora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, BA
Técnico, Científico
www.ufrb.edu.br

EDUFRN
Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN
16/12/1962, Técnico, científico,artístico e cultural
www.editora.ufrn.br; e-mail: edufrn@editora.ufrn.br

EDUNEB
Editora da Universidade do Estado Bahia, BA
2006, Técnico, científico,artístico e cultural
www.eduneb.uneb.br; e-mail: editora@listas.uneb.br

EDUPE
Editora Universidade de Pernambuco, PE
1999, Ficção, Ensaios, Documentários, Memoriais e Produção Acadêmica.
www.upe.br; e-mail: edupe@upe.br

FDR
Fundação Demócrito Rocha – Edições Demócrito Rocha, CE
Literatura, História, Sociologia, Geografia e Literatura Infantil
www.edicoesdemocritorocha.com.br; e-mail: albanisalucia@fdr.com.br

FUNDAJ
Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, PE
1980, Ciências Sociais
www.fundaj.gov.br; e-mail: editora@fundaj.gov.br

IFRN
IFRN Editora – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, RN
2005, Técnico, científico,artístico e cultural
www.ifrn.edu.br/pesquisa/editora; e-mail: editora@ifrn.edu.br

UEFS
UEFS Editora – Universidade Estadual de Feira de Santana, BA
2002, Técnico-científico e Cultural
www.uefs.br; e-mail: editora@uefs.br

UESB
Edições UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, BA
agosto de 2002, Técnico-científicos, Periódicos, Didáticos e Artístico-literários
www.uesb.br/editora; e-mail: editora@uesb.br

UVA
Editora da Universidade do Vale do Acaraú, CE
Técnico, científico,artístico e cultural
www.uvanet.br; e-mail: edilenebatista@hotmail.com

EDUFMA
Editora da Universidade Federal do Maranhão, MA
1988, Técnico Científico e Cultural
www.ufma.br; e-mail: edufma@ufma.br

EDUnP
Editora Universidade Potiguar, RN
2006, Técnico, Científico e Científico
www.unp.br; e-mail:edunp@unp.br

SEGRASE
Editora Diário Oficial - Serviços Gráficos de Sergipe
28 de abril 2008, Técnico, científico,artístico e cultural
www.segrase.se.gov.br; e-mail:suely.alvarenga@segrase.se.gov.br

ASSOCIADAS DA REGIÃO CENTRO-OESTE

UEG
Editora da Universidade Estadual de Goiás, GO
2009, Produção acadêmico-científica
www.editora.ueg.br;email: revista.prp@ueg.br

EDITORAUEMS
Editora da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, MS
04/04/1993, Técnica, Cientifica, Didática e Cultural
www.uems.br/proec/editora; e-mail: editorauems@uems.br

EDITORAUFMS
Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, MS
1993, Cientifica, Didática e Cultural
www.editora.ufms.br; e-mail: conselho@editora.ufms.br

EDUFGD
Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, MS
outubro de 2006, Sociopolítico e Cultural
www.ufgd.edu.br/editora; e-mail: editora@ufgd.edu.br

EDUFMT
Editora da Universidade Federal do Mato Grosso, MT
30/12/1993, Cientifica
www.ufmt.br/edufmt ;e-mail: edufmt@cpd.ufmt.br

EMBRAPA
Embrapa Informação Tecnológica, DF
22/8/2001, Pesquisa Agropecuária
www.sct.embrapa.br/liv; e-mail: marketing@sct.embrapa.br

UCB
Editora Universa – Universidade Católica de Brasília, DF
1996, Técnico, científico,artístico e cultural
www.editora.unb.br; e-mail: universa@ucb.br

UCDB
Editora UCDB – Universidade Católica Dom Bosco, MS
20/09/1996, Cientifica e Técnica
www.ucdb.br/editora

UCG
Editora da PUC – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO
06/01/1986, Cientifico e Acadêmico
www.ucg.br/editora

UFG
Editora da Universidade Federal de Goiás, GO
1977, Científico, Técnico e Literário
www.editora.ufg.br; e-mail: editora@editora.ufg.br

UNB
Editora Universidade de Brasília
abril de 1961, Cientifico e Cultural
www.editora.unb.br e-mail: contato@editora.unb.br

LL
Editora Letras Livres, DF
1999, Cientifico e Cultural
www.anis.org.br e-mail: letraslivres@anis.org.br

Fonte: freeimages.com

verbo-ago-2014.indd 56 07/08/2014 11:56:39